

NUKE HANÛ HAWETI VENA  
**PROJETO DE VIDA NUKE KUÏ**  
TERRA INDÍGENA  
KATUKINA DO CAMPINAS



Presidência da República  
**Dilma Vana Rousseff**

Ministério do Meio Ambiente  
**Izabella Teixeira**

Ministério da Justiça  
**José Eduardo Cardozo**

Presidência da Fundação Nacional do Índio  
**Maria Augusta Boulitreau Assirati**

Governador do Estado do Acre  
**Sebastião Afonso Viana Macedo Neves**

Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Acre  
**Carlos Edegard de Deus**

Assessoria de Assuntos Indígenas do Estado do Acre  
**José de Lima Kaxinawá**

NUKE HANÛ HAWETI VENA  
**PROJETO DE VIDA NUKE KUÏ**  
TERRA INDÍGENA  
KATUKINA DO CAMPINAS

**Publicação:** SEMA – ACRE, FUNAI e GIZ (*Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit GmbH*)

**Edição:** GIZ/SEMA-AC

**Edição e organização da publicação:** Andréa Borghi M. Jacinto, Ney Maciel e GIZ

**Diretora Executiva da SEMA – ACRE:**

Magaly da Fonseca e Silva Taveira.

**Equipe técnica de gestão territorial e**

**etnozoneamento:** Maria da Conceição Marques,

Roberto de Alcântara, Átila de Araújo Magalhães,

Barbara Angélica Guimarães, Flavia Dinah

Rodrigues de Souza, José Augusto Gomes dos

Santos, Jurandir Pinheiro de Oliveira Filho, Sara

Maria Viana Melo

**Programa para a Proteção e Gestão Sustentável**

**das Florestas Tropicais “Demarcação e Proteção**

**de Terras Indígenas”**

**Coordenadora:** Katrin Marggraff

**Equipe:** Margit Gropper, Marcia Gramkow, Monica

Berwanger, Nikolaus Sigrist, Ingrid Ramos

**Redação do Etnolevantamento e do Plano de Gestão:** Andréa Martini e Roberto de Alcântara

(Etnozoneamento/SEMA-AC)

**Elaboração de mapas do etnozoneamento:** técnicos SEMA/AC e Assessoria Indígena/Gestão 2006-2010

**Revisão ortográfica e gramatical:** Danúzia Queiroz

**Projeto gráfico e editoração:** Claudia Pires El-moor | Eye Design

**Desenho capa:** Edinaldo da Silva Katukina Noya

**Desenhos:** Vinu Orlando; Saí Raimundo; Reke José; Keulen Moana Cordeiro do Nascimento; Teka; Dulcinéia;

Charlene; Edinaldo da Silva Katukina Noya; Jorge Inácio Katukina; Marcos Horácio Katukina; Mauricio

Rodrigues de S. Pero Katukina; Eli Carlos Katukina; Genilda da Silva Katukina; Ravena Katukina; Benjamim

André Katukina; Romildo Carneiro; Rivaldo Rosa da Silva Katukina; João Melo Nomaiki; Gean Afonso de

Souza Katukina; Yama; Severo Katukina; Jorge Horácio Katukina; Edilson Rosa da Silva; Edivilson Katukina

Akê; José Luiz Rekê; Maria Francisca Lopes da Silva; Shere Benjamin André; Powa Edilson.

**Catálogo:** Cleide de Albuquerque Moreira CRB 1100

Copyright © 2013 by FUNAI, SEMA, GIZ.

Dados internacionais de catalogação-na-publicação Biblioteca Curt Nimuendaju

JACINTO, Andrea; MACIEL, Ney José Brito; GIZ. (Orgs.).

Nuke hanu haweti vena - projeto de vida nuke kui: Terra Indígena Katukina do Campinas. – Rio

Branco, Brasília: Funai/SEMA-AC/GIZ, 2013.

120p. Ilust.

1. Terra Indígena Katukina do Campinas 2. Recursos Naturais 3. Gestão Ambiental 4.

Etnozoneamento I. Título

CDU 502

Distribuição gratuita, preferencialmente em bibliotecas, organizações indigenistas e indígenas.

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa dos editores: GIZ. SEMA-AC.

# NUKE HANÛ HAWETI VENA PROJETO DE VIDA NUKE KUI TERRA INDÍGENA KATUKINA DO CAMPINAS

# SUMÁRIO

## 8 Apresentação

## 11 Introdução

### Parte I – Etnolevanteamento de Recursos Naturais na Terra Indígena Katukina do Campinas

12 A terra indígena e seu entorno

13 Tea – igarapé

### Recursos da Floresta e de Seus Habitantes

17 Bai – roçado

19 Legumes de Roçado

31 Descrição de Roçados

37 Vimi – Fruta

47 Hiwi – Árvore

51 Palheiras

55 Cipós e envieiras

55 Flores

### Desafios e sugestões

57 Caça e invasão

61 Artes

### Parte II – Nuke Hanû Haweti Vena – Projeto de Vida Nuke KuĪ

65 Palavras dos representantes das aldeias

#### Acordos coletivos

73 Pesca

74 Caça

76 Recursos florestais

77 Produção

80 Nuke Haweti Nuke KuĪ – cultura

81 Lixo – Hawe Putati

82 Recursos hídricos

82 Organização das aldeias

82 Vigilância e fiscalização

84 Educação/formação

85 Revisão dos limites territoriais

86 Saúde

87 Transporte

87 Orientações gerais

### Mapas – Etnozoneamento da Terra Indígena Katukina do Campinas

89 Mapa de Invasões – Ameaças

93 Mapa de Áreas de Uso

97 Mapa de Caçada

101 Mapa Histórico

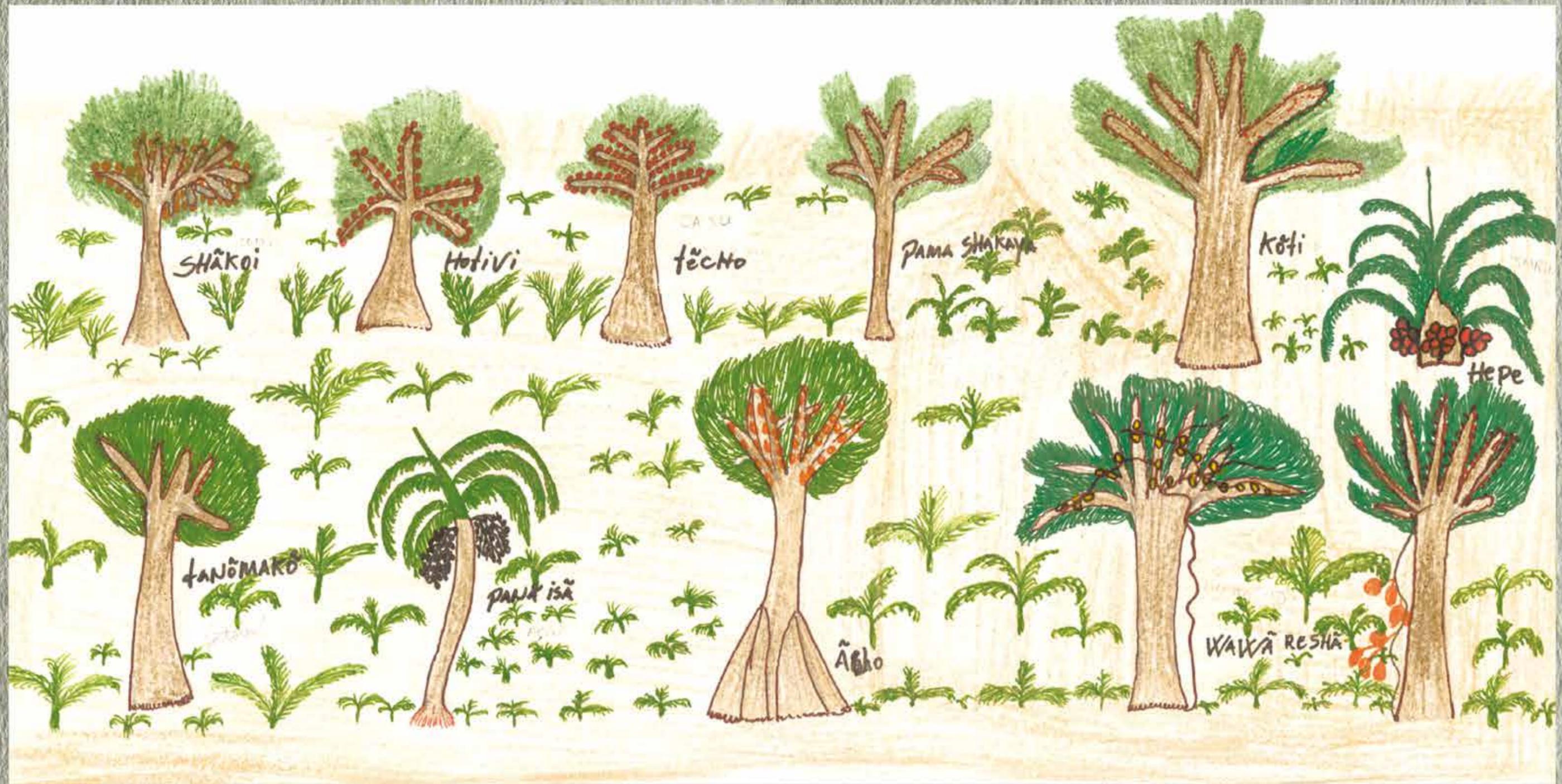
105 Mapa de Ocupação Humana

109 Mapa de Pesca

113 Mapa de Recursos Hídricos

117 Mapa de Vegetação

120 Autoria



SHĀKOI

Hotivi

tēCHO

PAMA SHAKAYA

Kōfi

Hepe

TANŌMARD

PAMA ISĀ

Āho

WAWĀ RESHĀ

## ETNOZONEAMENTO E PLANOS DE GESTÃO DAS TERRAS INDÍGENAS DO ACRE

Os Etnozoneamentos e Planos de Gestão das Terras Indígenas são hoje os principais instrumentos norteadores das políticas públicas indigenistas no estado do Acre, resultados de parcerias entre povos indígenas, pesquisadores e indigenistas, tendo como referências os trabalhos desenvolvidos pela Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-AC), organização não governamental (ONG) que exerce um papel importante junto aos povos indígenas do estado há mais de 30 anos. Os marcos institucionais dessas políticas foram postos nas Audiências Públicas do Componente Indígena do Plano de Ações Mitigadoras dos impactos gerados pelo asfaltamento das rodovias federais BR-317 e BR-364 e nos indicativos do Zoneamento Ecológico-Econômico, no seu Eixo Cultural-Político, temática Gestão Ambiental em Terras Indígenas, que recomendou a efetivação da gestão territorial a partir das análises das formas de uso das terras indígenas por métodos tais como etnolevantamentos, planos de uso e planos de manejo.

Os primeiros trabalhos foram os etnolevantamentos nas Terras Indígenas Cabeceira do Rio Acre e Katukina do Campinas, entre os anos de 2002 e 2003. Eles mostraram a necessidade de espacialização das informações levantadas e de um diagnóstico participativo que vislumbresse os cenários futuros, e que convergissem em indicativos de gestão territorial e ambiental para subsidiar tanto os povos indígenas como os gestores públicos nas tomadas de decisões.

Assim, surgiram os etnozoneamentos nas Terras Indígenas Mamoadate, Kaxinawa/ Katukina, Igarapé do Caucho, Rio Gregório, Kaxinawa da Colônia Vinte e Sete e Jaminawa do Rio Caeté, realizados entre os anos de 2005 e 2008. Em cada uma dessas Terras Indígenas, o etnozoneamento foi planejado, discutido e elaborado de forma conjunta com lideranças, professores, agentes de saúde, agentes agroflorestais, líderes de associações e de organizações de representação. Todo o material produzido - entrevistas, mapas mentais e mapas georeferenciados e demais manifestações de autoria indígena - foram feitas, resgatando-se o conhecimento indígena.

O resultado dos etnozoneamentos foi um conjunto de mapas mentais e temáticos georeferenciados (sobre o histórico dos grupos, de sua ocupação humana, ameaças,

hidrografia, vegetação, extrativismo, caçadas e pescarias) e de acordos e propostas de ações, pactuadas para o planejamento ambiental, territorial, social e econômico.

Esses acordos são pactos sociais resultados de discussões sobre o uso do território e as diversas formas dele se utilizarem, combinados com uma ampla e profunda discussão da situação atual e perspectivas futuras sobre o território e a cultura, e também sobre as questões a serem enfrentadas prioritariamente pelos diversos povos indígenas, estabelecendo responsabilidades e compromissos, individuais e coletivos, para a efetivação de ações em torno do futuro das terras indígenas.

Para apoiar o comprometimento e acompanhamento das instituições governamentais e indígenas na execução das atividades pactuadas, foi criado o “Grupo de Trabalho Interinstitucional do Etnozoneamento” e consolidada, no organograma da Secretaria de Estado de Meio Ambiente (SEMA-AC), a Divisão de Etnozoneamento, responsável por fomentar e acompanhar a elaboração dos etnozoneamentos e dos planos de gestão nas terras indígenas no estado, coordenada pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Assessoria de Assuntos Indígenas.

Com o apoio da Cooperação Alemã para o Desenvolvimento (GIZ), apresentamos aqui os Etnozoneamentos e Planos de Gestão das Terras Indígenas Cabeceira do Rio Acre, Campinas/Katukina, Kaxinawá da Colônia 27, Rio Gregório, Katukina/Kaxinawá de Feijó e Mamoadate, que foram fundamentais para a implantação da Política de Gestão Territorial e Ambiental nas Terras Indígenas no estado do Acre (PGTI). Atualmente, 21 terras indígenas no estado vêm implantando, por meio de suas associações, as ações dos seus planos, com apoio do governo do estado. Além disso, a contribuição dessa experiência repercutiu em avanços significativos para a Política Nacional de Gestão das Terras Indígenas (PNGATI), instituída pelo Decreto Nº 7.747, de 5 de junho de 2012.

Para o Acre, esses instrumentos auxiliares nas tomadas de decisões de gestão dos territórios indígenas, tanto para a governança indígena, quanto para as esferas governamentais, fazem parte do reconhecimento da importância dos povos indígenas e de seus territórios na definição de parâmetros sustentáveis na gestão ambiental e territorial do estado.



## INTRODUÇÃO

Neste volume, apresentamos **Nuke Hanū Haweti Vena, Projeto de Vida Nuke Kūi**, o Plano de Gestão da Terra Indígena Campinas/Katukina, resultado dos processos de diagnósticos, avaliações e proposições realizados entre os anos de 2003 e 2010 nas aldeias da terra indígena, é composto pelo etnolevante de recursos naturais e pelo etnozonoamento, ferramentas complementares da gestão que combinam mapas georreferenciados e textos explicativos e também por acordos coletivos de gestão ambiental e territorial pactuados por seus moradores.

Realizados por meio de pesquisas de campo, de mapeamentos participativos, de entrevistas e de narrativas sobre as interações dos ambientes com os recursos naturais e suas formas de utilização e também sobre as áreas de cutilização com a vizinhança do entorno, a elaboração desses documentos tiveram ampla participação não só de lideranças, de agentes agroflorestais, de professores, de agentes de saúde, de agentes ambientais, mas também de consultores, de colaboradores e de grande parte da população.

Na primeira parte da publicação, são feitas as descrições sobre os recursos naturais existentes na terra indígena, incluindo seus nomes na língua Katukina e em português, e apresentada uma série de informações sobre residências, roçados, pastos, criações, demografias, escolas, postos de saúde, recursos naturais e seus usos.

Na segunda parte da publicação, é apresentado o Projeto de Vida Nuke Kūi, plano de gestão ambiental e territorial, que é o conjunto de acordos coletivos que foram propostos durante as oficinas de etnozonoamento e discutidos e pactuados em reuniões próprias, com a participação ampla de toda população. Esses acordos dizem respeito aos temas considerados mais relevantes, tais como pesca, caça, recursos florestais, recursos hídricos, vigilância e fiscalização, educação/formação, saúde e transporte, isso acompanhado de um conjunto de mapas temáticos sobre áreas de uso, de ocupação, caçadas, pescas, extrativismo, história, vegetação e invasões/ameaças. Essas ações foram formuladas pelos Katukina da Terra Indígena Campinas/Katukina para definir entre si as formas de uso do território e de seus recursos naturais e, principalmente, apontar modos de instituir ações sustentáveis para esta que é uma das mais vulneráveis terras indígenas do estado do Acre

**PARTE I**

**ETNOLEVANTAMENTO DE RECURSOS NATURAIS**

# A TERRA INDÍGENA CAMPINAS E SEU ENTORNO

De Rio Branco até Rodrigues Alves, a Rodovia BR 364 atravessa os Municípios de Bujari, Sena Madureira, Manoel Urbano, Feijó, Tarauacá e Cruzeiro do Sul, bem como as bacias hidrográficas dos rios Iaco, Purus, Envira, Tarauacá, Acuráua, Gregório, Liberdade e Juruá.

**A Terra Indígena Katukina do Campinas foi demarcada com uma área de 32.624 hectares e localiza-se no limite oeste do Município de Tarauacá. Tem 18 km de sua extensão recortados pela BR 364 e todo o trecho está asfaltado. Tem como limites, por linha seca, a terra de divisão do Riozinho Liberdade e seus afluentes, como o igarapé Vai-e-Vem, no sentido do Município de Tarauacá, e o igarapé Campinas e afluentes, no sentido de Rodrigues Alves.**



Mapa da aldeia Martins: TEKA, Romildo, Dulcinéia, João e Charlene.

O chamado “fundo” da TI Campinas faz limite com os ramais do Projeto de Colonização (PC) Santa Luzia, com 69.700 hectares. É o dobro da área reservada para usufruto indígena Katukina.

A predominância de projetos de assentamento na região, com a abertura de ramais e produção agropecuária para geração de excedentes pode provocar, a médio prazo, uma situação de descontrole sobre os limites de uso e distribuição de recursos naturais adequados para as populações indígenas e extrativistas na região.

**TEA IGARAPÉ**

A bacia hidrográfica local é grande e cheia de meandros que recortam o terreno e oferecem alimentos para os moradores. Os igarapés e os açudes da Terra Indígena Campinas servem como repositórios de pescado naturais, embora não se tenha ainda alcançado um manejo adequado e combinado desses recursos.

A falta de interação entre as bacias dos igarapés maiores e a ausência de um plano de utilização combinado têm diminuído a quantidade de marisco e caça obtidos pelos moradores. Há a necessidade de acordos de uso entre moradores e vizinhos, além de estratégias que evitem a extinção ou a má utilização desses recursos.

O igarapé que faz limite e também nomeia a terra indígena é o igarapé Campinas, que deságua ou bota água em um lago antes que este sangue para o Juruá.

O igarapé Campinas corre para oeste ou poente. São afluentes do Campinas: Olinda, Chumarra, Jaracatiá e Biorana. São afluentes do igarapé Chumarra: Areia, Bodó e Varejo. O igarapé Areia tem como afluente o igarapé Buriti.

O igarapé Olinda corre para oeste ou poente. São afluentes do igarapé Olinda: Martins, Paxiúba, Barreiro, Pedro e Papagaio. O igarapé Murmuru é afluente do Martins que corre para o poente.

O Riozinho Liberdade também é um afluente importante do Juruá, que corre para o poente. Sua terra de divisão, ou terra-chefe, faz o limite da TI Campinas por linha seca, no sentido Tarauacá. São afluentes do Riozinho Liberdade, na região da TI Campinas, os igarapés Boi e Vai-e-Vem. O igarapé Boi tem como afluente o igarapé Frandeiro. O igarapé Vai-e-Vem faz a divisa da área indígena, despeja no Riozinho da Liberdade que despeja no Juruá.





## RECURSOS DA FLORESTA E DE SEUS HABITANTES

### BAI ROÇADO

Para distinguir qualidades de matas e tipos de relevo, os moradores utilizam de informações variadas que reúnem elementos de vegetação ou mata, características do terreno, terras altas, baixas, fendas e grotas, formadas pelas águas de rios e igarapés e águas da chuva.

Sobre as qualidades de mata, o professor REKE descreve os seguintes ambientes:

**NI'I TXOSHO:** NI'I mato; TXOSHO cerrado.

**KOTANII:** mata aberta que tem cocão, KOTA.

**MISPÃ:** terra baixa perto do igarapé.

**PAETI:** baixo cheio de sororoca, sororocal.

**PAETI TXOSHO:** baixo cerrado.

**PAETI TXOSHOMA:** baixo limpo, não cerrado, TXOSHOMA.

**MATXI PESPA:** terra, MATXI; firme, PESPA.

**MANÃ KOI:** terra chefe, firme, terra alta, MANÃ; água descendo grotas ou KOI.

**NI'I PASHA:** mata, NI'I; bruta, virgem, PASHA.

**NAWESHENI:** capoeira.

**NAWESHENI OKEMA:** capoeira baixa, OKEMA.

**NAWE SHENI OKE:** capoeira alta, OKE, com mais de 5 anos.

Para fazer um roçado, em geral, são derrubados os paus grandes em julho, queima e encoivara no mês de agosto e planta no final de agosto, início de setembro. É comum plantar primeiro a macaxeira, depois, o milho, as batatas (a batata-doce, o inhame, o cará e a taioba), a cana, a banana e, por último, o tingui.

Os Katukina conhecem pelo menos quatro tipos de terra e um de areia, utilizados para plantio. Além dessas qualidades, existe um barro branco, com pouca areia, encontrado em pequenos igarapés, bastante procurado. Este barro, misturado com cinza de caripé, serve para fazer a cerâmica, arte hoje pouco praticada. As terras firmes servem para plantar banana, macaxeira, mamão e milho. O baixo ou a várzea serve para plantar cana, arroz e tingui.

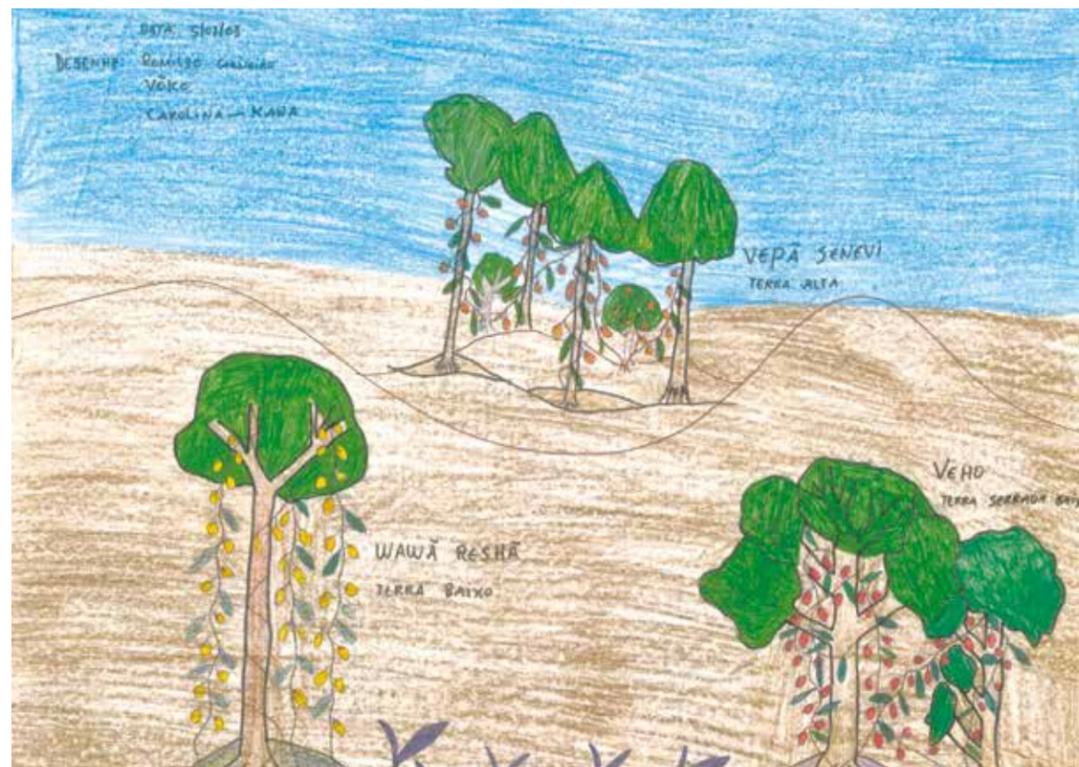
**MAI TXESHE** – BARRO PRETO, de terra firme, produz banana de cachos grandes e mamão de boa qualidade.

**MAI MACHI** – BARRO ARIUSCO BRANCO, de baixo ou várzea, produz tingui, macaxeira de batata grande e inhame.

**MAI MYOWE** – BARRO LIGUENTO, duro e vermelho, não presta para plantio.

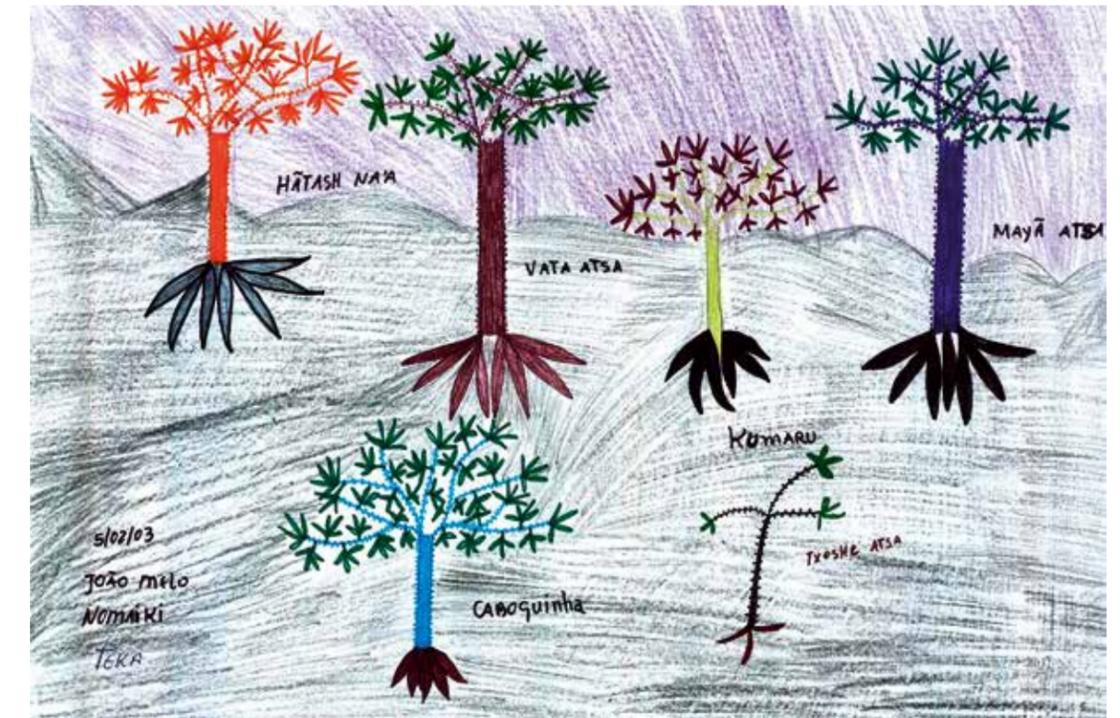
**MAI POTO** – BARRO FUBÁ, solto, amarelo. Alguns dizem que presta para milho, arroz, macaxeira e mudubim ou amendoim. Outros dizem que não presta para nenhum tipo de plantio.

**MACHI MAI** – AREIA, dá melancia e jerimum.



Desenho: Kana Carolina e Voko Romildo, aldeia Martins.

## LEGUMES DE ROÇADO



Desenho: João Melo Nomaki, Teka

### ATSA MACAXEIRA

São várias as qualidades de macaxeira cultivadas pelos Katukina: MAYĀ ATSA [MAYĀ ATSA], casca preta, batata pequena e branca; HĀTASH NĀĀ ATSA [HĀTASH NA'A ATSA], casca vermelha, batata-roxa e pequena; VATA ATSA, mandioca doce, casca marrom, batata-roxa pequena; TXESHE ATSA, casca marrom, batata branca e, ainda, as qualidades conhecidas, como “caboquinha” e “cumarú”. A macaxeira e a banana são a base da alimentação Katukina.

A maniva de macaxeira é cortada com um palmo e é plantada deitada na cova, de preferência na terra preta, com um passo entre as covas. Pode ser plantada em linha reta. É plantada no verão, entre julho e setembro. Começa a produzir depois de seis ou sete meses. A macaxeira é considerada a chefe do roçado, pois é a primeira a ser plantada.

Quando alguém é picado de cobra, só come TXESHE ATSA. Segundo o professor TEKA, nos primeiros dez dias de dieta, só pode comer carne de nambu galinha e nambu preta. Banana só da qualidade POTO MANI ou chifre-de-bode. Com a melhora do estado de

saúde, pode-se comer banana-maçã, banana-prata e carne. Após dez dias, pode-se comer veado, anta e queixada. Antes desse período, o sangue da carne pode inflamar a cissura ou ferrada da cobra. Relações sexuais só depois de 40 dias. Quanto aos macacos, como sua carne é considerada reimosa para mordidos de cobra, come-se primeiro uma qualidade de macaco e, depois, come-se outra. A quebra de dieta pode piorar o doente e "daí para a frente, só cura com reza". Macacos só podem ser ingeridos com liberdade depois de seis meses.

#### FORMAS DE PREPARO

As mulheres Katukina cozinham a macaxeira no vapor. Forra-se o fundo da panela com talos de sororoca e cobrem com água. Colocam então as batatas da macaxeira, cobertas com a folha da sororoca, MANITAI ou MINHA. A macaxeira fica saborosa, seu cozimento é rápido, apenas no vapor. A sororoca pode ser de planta (cultivada) ou da mata (braba). Outras formas de preparo de macaxeira:

**MATCHO ATSA:** kaissuma.

**TOKOATA ATSA:** cozida.

**RORO:** farinha.

**TAVA:** beiju e tapioca.

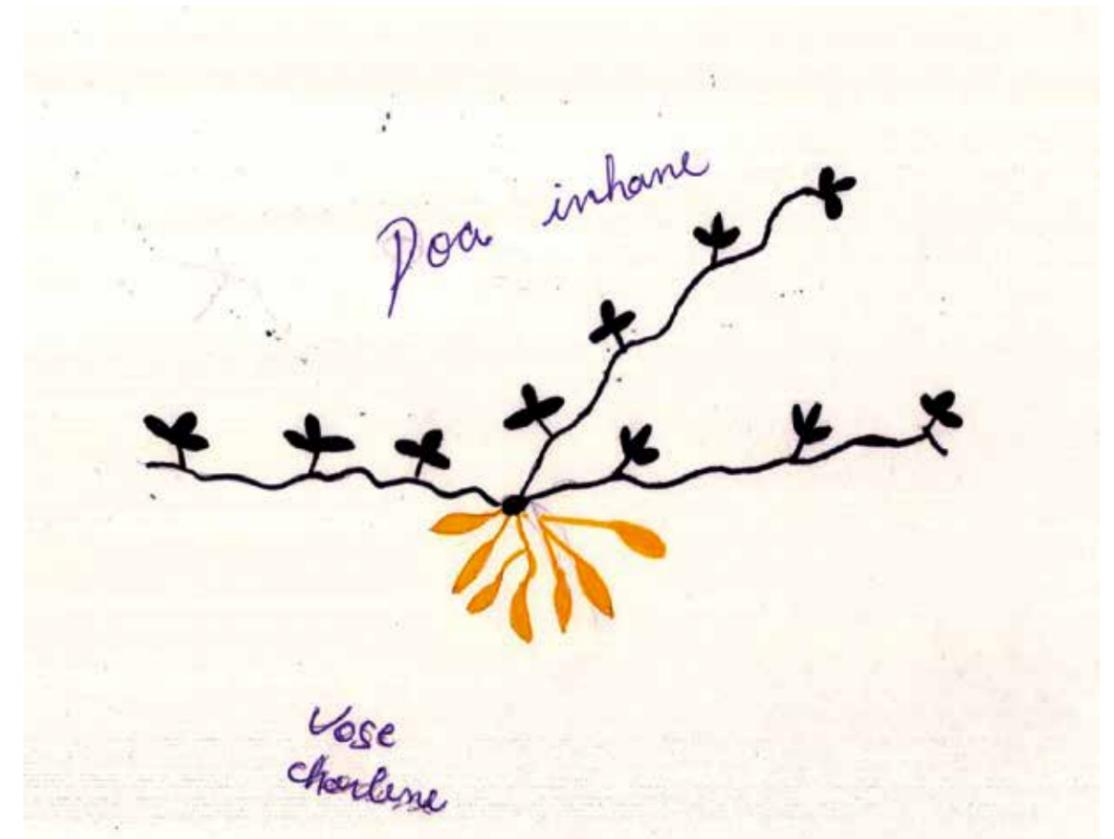
**TXITXA:** goma.

**ATSA BOLO:** bolo de macaxeira.

#### VIMI ARROZ

O arroz é plantado para consumo e para produto, ou seja, para comercialização. Plantam-se quatro sementes na cova, com um passo entre as covas, com as mãos ou com plantadeira. O arroz dá em qualquer tipo de terra, começa a plantar em mês de agosto. Produz após oito meses.

Em geral, o arroz é pilado e cozido mole, com pouco sal, na forma de VIMI TOKOATÁ, arroz cozido ou mingau de arroz.



Desenho: José e Charlene, aldeia Martins

#### POWA INHAME

É um plantio feito nos tocos dos paus, para que as ramas subam e tenham um crescimento melhor. Geralmente é um plantio feito pelas mulheres, em locais separados de outros plantios, para que suas ramas não atrapalhem o crescimento de outras plantas. Planta-se a batata do inhame em covas, entre um e quatro passos. Pode ser no verão ou no inverno, entre agosto e novembro.

São quatro as qualidades cultivadas, TXESHE POWA, o inhame de maior batata, com casca e batata pretas; PESHU POWA, casca roxa com batata branca; HOSHO POWA, casca roxa com batata branca, OHOVO POWA; casca roxa com batata amarelada. Planta-se a taioba no meio ou no aceiro dos roçados, no barro preto, MAI TXESHE, que serve tanto para inhame quanto para taioba.

#### FORMAS DE PREPARO

**POWA TOKOATÁ:** inhame cozido.

**POWA SHOI:** inhame assado.

### YOVI TAI OBA

Planta-se a batata em covas de um a três passos, na terra preta, geralmente no verão, entre julho e setembro. Sua produção ocorre a partir de um ano.

#### FORMAS DE PREPARO

**YOVI TOKOATÁ:** cozido.

**YOVI SHOI:** assado.

### KARI BATATA-DOCE

KARI, de três qualidades: da casca vermelha ou roxa; com a batata amarela ou branca; e KARI da casca e batata preta. Planta-se em cova, perto de tocos de pau, no aceiro dos roçados e nos terreiros das casas, em qualquer tipo de terra, de preferência terra preta, com cinco ou mais passos de distância entre as covas. É plantada em setembro e outubro e produz após seis meses. É um plantio feito pelas mulheres.

#### FORMAS DE PREPARO

**KARI TOKOATÁ:** cozida.

**KARI SHOI:** assada.

### SHEKI MILHO

Os Katukina cultivam duas qualidades de milho: YARĀ SHEKI, milho duro, e ANO MATXATI SHEKI, milho pipoca. O TOVĀ POTO, fubá de milho pipoca ANO MATXATI SHEKI, era um alimento importante na dieta Katukina, hoje pouco frequente. Para plantar, são colocadas quatro sementes em cada cova, com um passo de distância entre elas. Isto pode ser feito à mão ou com uma plantadeira. É plantio de terra preta e de verão, entre agosto e setembro. Pode ser comido a partir de seis meses

#### FORMAS DE PREPARO

Mingau para misturar com peixe.

**SHEKI SHOI:** verde assado.

**SHEKI TOKOATÁ:** cozido.

**YSHKŌ:** pamonha.

**SHEKI:** pão, cuscuz ou pão de milho.

**TOVĀ POTO:** fubá de milho pipoca. Torra, espera esfriar e pisa no pilão. Pode misturar com um pouco de açúcar e sal. Muito apreciado como acompanhamento de MANI MUTSA, mingau de banana, KUNI MANI banana roxa e outras refeições.

**CANJICA:** Fala-se canjica também na língua Nuke Vana.

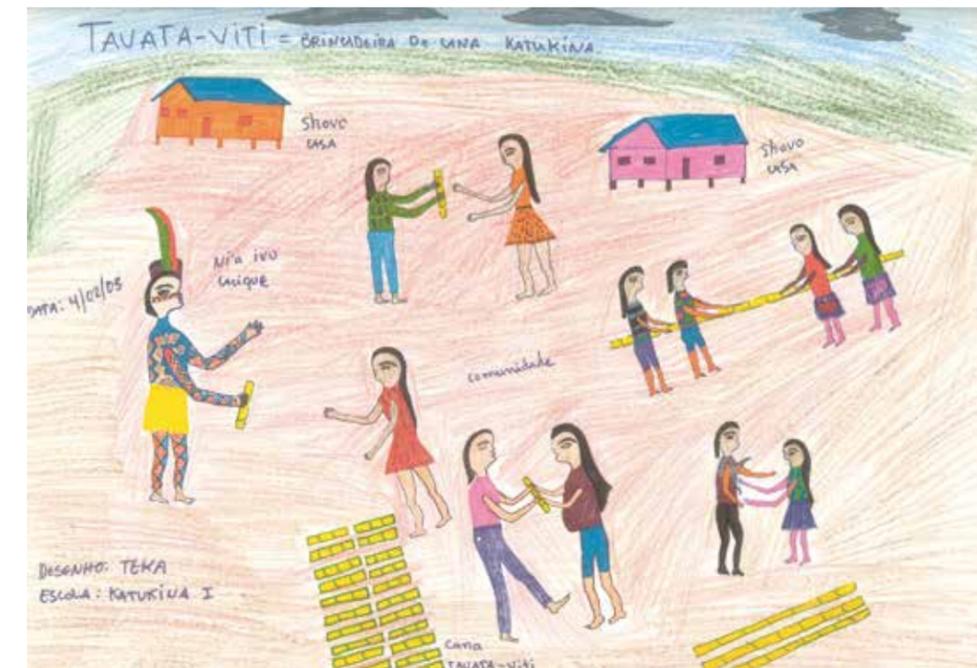
### WARĀ JERIMUM

Algumas pessoas plantam na beira do terreiro, de preferência na areia, MACHI MAI, como a melancia.

#### FORMAS DE PREPARO

**KAISSUMA:** descasca-o, cozinha-o e machuca-o sem sal, grossa.

**WARĀ TOKOATÁ:** cozido.



Desenho: TEKA Francisco Carneiro, aldeia Martins.

### TAVATÁ CANA

Duas qualidades de cana são cultivadas pelos Katukina: KAŌYA ou caiana e TAVATĀ HŌCHI, cana piojota ou vermelha [hōchi=vermelha]. Para plantar, cortam-se dois pedaços com olho ou broto, de um palmo cada e planta-se na terra preta, em forma de X, com duas passadas entre as covas. Planta-se no verão, no mês de setembro, e produz em seis meses ou um ano.

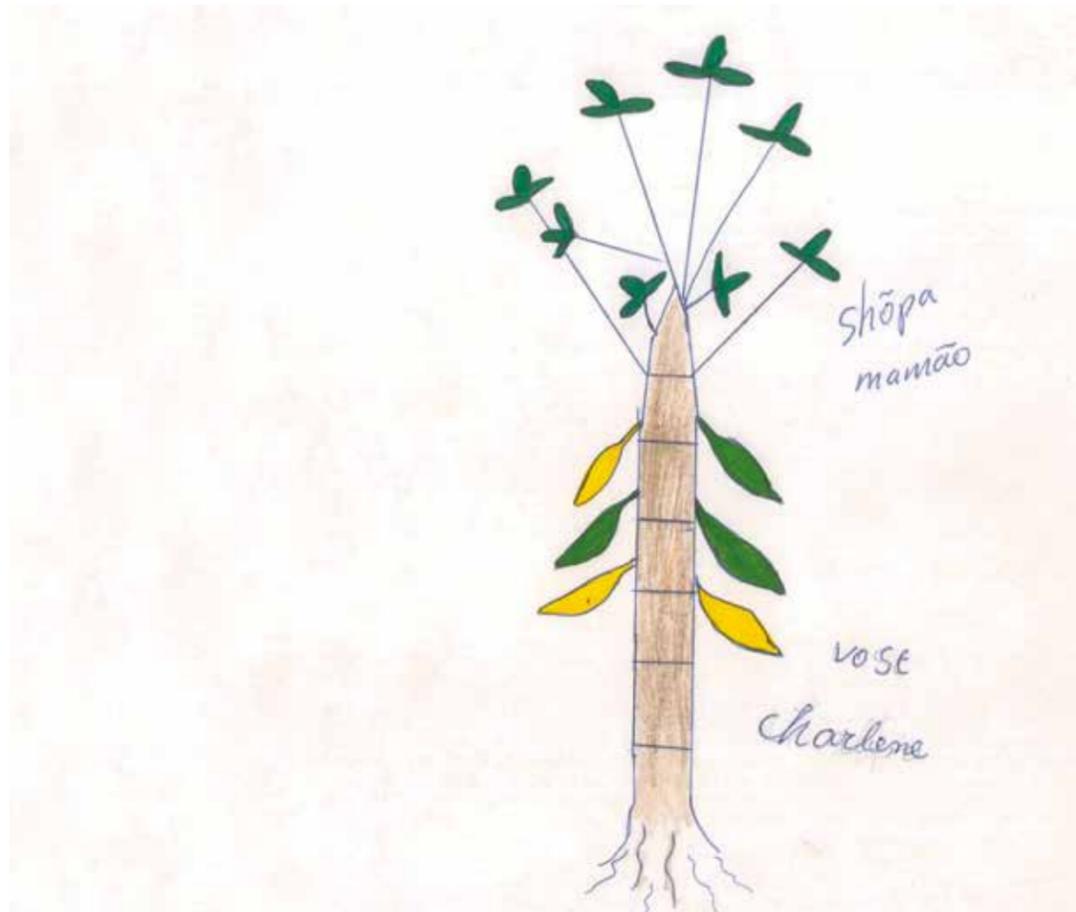
A cana é usada durante o TAVATĀ VITI, ou brincadeira de cana. A haste da cana é cortada com dois palmos, o homem segura a cana e a mulher tenta pegá-la. Depois, os papéis se invertem.

#### FORMAS DE PREPARO

A cana é consumida após ser descascada ou na forma de KARAPA, garapa ou caldo de cana.

**SHOPĀ MAMÃO**

O mamão é semeado, jogando-se as sementes no roçado recém-queimado, em terra preta. Ou pode ser plantado em covas, com quatro sementes em cada cova, com distâncias que variam entre dois e sete passos. Planta-se entre agosto e novembro. Produz em seis ou sete meses. Mamão serve para febre e dor de cabeça: tira-se a folha, ferve e toma o chá. O leite do mamão serve para ferrada de tucandeira e lagarta. Come-se o mamão maduro, machucado ou feito mingau. Também se come o mamão verde, cozido ou assado.



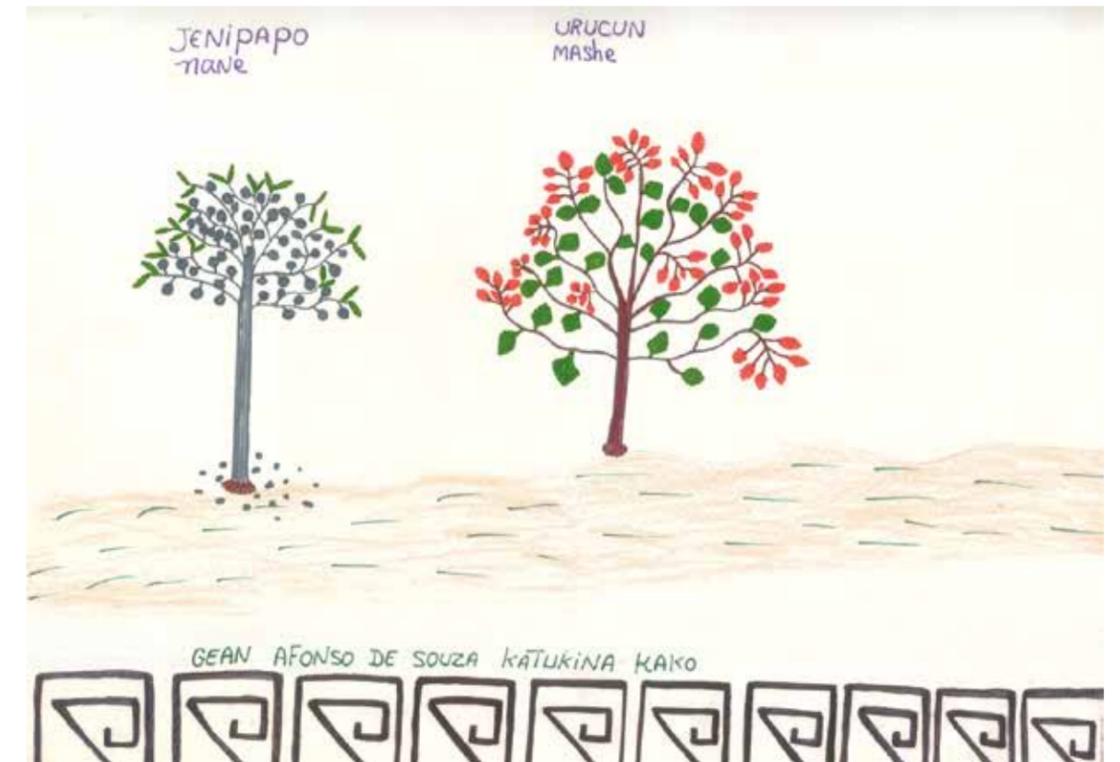
Desenho: José e Charlene, aldeia Martins.

**YOTXI PIMENTA MALAGUETA**

É usada machucada no caldo; faz-se molho.

**MASHE URUCUM**

Serve para fazer KENE, desenhos no corpo e também MASHE ou colorau, para temperar as comidas. Pode ser encontrado nos terreiros das casas e é plantado só para o consumo. Fácil de ser cultivado, pode ser plantado em qualquer época do ano. Começa a produzir com um ano e meio.



Desenho: KAKO Gean Afonso de Sousa, aldeia Samaúma.

**WASHME ALGODÃO**

Com o algodão, as mulheres tecem redes, colares, cocares, braceletes e os homens envergam arcos e dão o acabamento em flechas, bordunas e outras armas. O algodão pode ser tingido com MASHE, urucum; NANE, jenipapo grande; NAWĀ HIMI e MINHĀ. MASHE, o urucum serve para tingir redes, colar, cocar e pintura de espadas e peças de madeira de pupunha. NANE, o jenipapo grande serve para pintura corporal e pintura de artesanato de pupunha.

O jenipapeiro é encontrado em terra firme, seu fruto é apreciado por jaboti, cotia, anta, veado, paca, queixada, porquinho e cutiara. Para fazer tinta, precisa-se ralar a fruta e colocar na água para cozinhar. Depois, espreme a massa e retira-se uma tinta, que é então misturada com pó de carvão para fazer a pintura do corpo ou das artes.

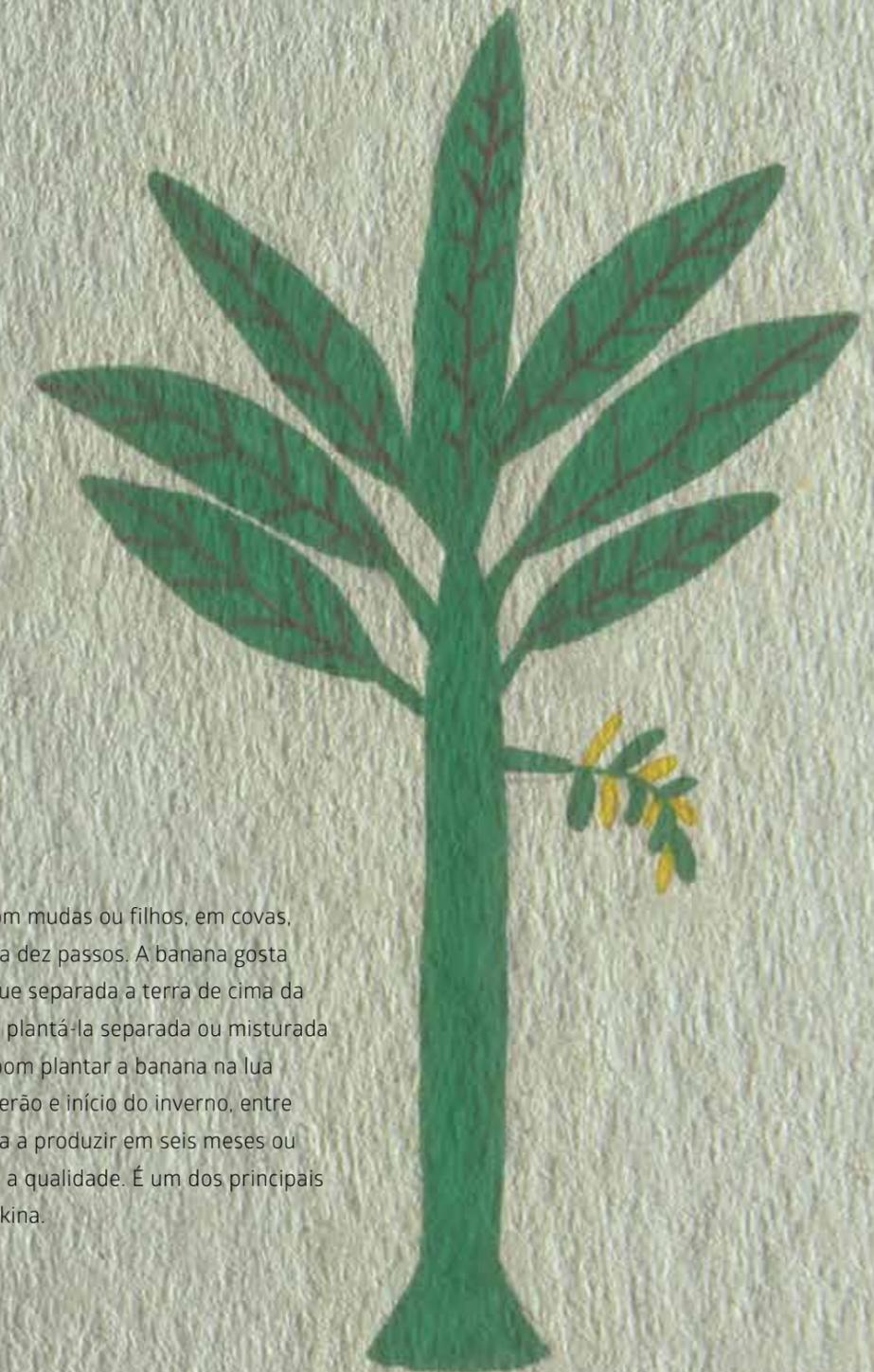
NAWĀ HIMI, uma folha da mata, serve para fazer tinta. Tira-se o sumo da folha para tingir o algodão. É usado para detalhes e acabamento de enfeites e adornos. MINHĀ é outra folha que produz tinta a partir do sumo. MITSĀ, agente agroflorestal da aldeia Martins, produz mudas de NANE e NAWĀ HIMI em viveiros.

#### **ASHAWA** TINGUI

O tingui é costumeiramente plantado em abril, em duas qualidades: ASHA KOI, da flor branca, ASHA HŌCHI, da flor vermelha. Primeiro são semeadas as sementes em canteiro. Quando estiver com um palmo ou 10 centímetros, é feito o plantio no roçado, com covas separadas com um passo de distância entre elas. O tingui é plantado no inverno, no mês de novembro, porque gosta de chuva e começa a produzir em cinco meses. Pode ser plantado em qualquer tipo de terra ou em terra preta.

A pescaria com tingui é um divertido trabalho que envolve pessoas de todas as idades, muitas vezes, várias aldeias. Os homens carregam o tingui, retirado do roçado até o local escolhido para iniciar a pescaria. Cavam vários buracos pequenos e socam as folhas, aos poucos, com um pau. Os homens vão se revezando no serviço, velhos e jovens. Depois de socado, aguardam algum tempo, ensacam o tingui pisado e seguem até o remanso ou poço escolhido.

Enquanto o pessoal aguarda o efeito do tingui nos poções ou igarapés escolhidos, todos conversam, merendam e os homens fumam. Durante a espera, as mulheres sentam-se próximas, e os homens também se reúnem em pequenos grupos. Quando todos começam a andar dentro do igarapé, seguindo a descida do tingui, esses grupos se dispersam. É comum que os casais, principalmente os mais idosos, permaneçam juntos durante o percurso, pois as esposas podem carregar os peixes para o marido. Os homens mostram suas habilidades, descendo em poços e procurando peixes grandes entre os galhos de paus caídos. Usado seguidamente nos mesmos locais, o excesso de tingui pode contribuir para a diminuição do pescado na região.



#### **MANI** BANANA

A banana é plantada com mudas ou filhos, em covas, com distância de cinco a dez passos. A banana gosta de terra preta, desde que separada a terra de cima da terra de baixo. Pode-se plantá-la separada ou misturada com outras plantas. É bom plantar a banana na lua crescente, no final do verão e início do inverno, entre julho e outubro. Começa a produzir em seis meses ou um ano, de acordo com a qualidade. É um dos principais alimentos para os Katukina.

*QUALIDADES E FORMAS DE PREPARO:*

**AWA MANI**, BANANA GRANDE

**MANI MUTSÁ:** kaissuma de banana, cozida na água, fina ou grossa.

**AWA MANI TOKOATÁ:** banana cozida.

**AWA MANI SHOI:** banana assada.

**AWA MANI NOA:** banana machucada grossa.

**AWA MANI SHOO:** banana verde assada.

**AWA MANI PASHA:** banana crua.

Mingau de banana verde: rala-se a banana verde, sem a casca. No fogo, cozinha-se o caldo de peixe ou carne e mistura a banana ralada com um pouco do caldo quente, para desmanchar. Depois, mistura-se tudo na mesma panela e cozinha mais um pouco.

**NAWĀ MANI**, BANANA NAJÁ

**NAWĀ MANI HŌCHI:** banana madura.

**NAWĀ MANI TOKOATÁ:** banana cozida.

**NAWĀ MANI VETŌNA:** banana assada de vez.

**POTO MANI**, BANANA CHIFRE-DE-BODE

Usa do mesmo jeito que AWA MANI.

**KOTĀ MANI**, BANANA PEITO-DE-MOÇA

**KOTĀ MANI HŌCHI:** só come a banana madura.

**SHAWĀ MANI**, BANANA-OURO

**SHAWĀ MANI SHOI:** banana madura assada.

**SHAWĀ MANI PASHA:** banana madura crua.

**KORO MANI**, BANANA-MAÇÃ

**KORO MANI HŌCHI:** banana madura.

**KORO MANI PACHA (MUTSA):** banana machucada crua.

**KORO MANI TOKOATÁ:** banana cozida.

**TOASH MANI**, BANANA-PRATA

**TOASH MANI PASHA:** banana crua.

**HIMI MANI**

Parece com chifre-de-bode, mas é menor, com a casca amarela.

**HIMI MANI PASHA HŌCHI:** banana madura crua.



Desenho: Pinha, Odair Carneiro, aldeia Martins

**KUNI MANI** BANANA ROXA

**KUNI MANI HŌCHI:** banana madura.

**NO'O MANI** BANANA SAPO

**NO'O MANI HŌCHI:** banana madura.

**BANANA DUAS QUINA**

**KŌTA MANI** BANANA TEMPERADA

**OI MANI** BANANA BAÉ

**TSAMI MANI**

Parece banana-maçã, KORO MANI, mas é mais curta e grossa.

**ROE MANI**

Igual à banana baé, OI MANI, porém é menor.

**HOSHO MANI**

Branca, parece com a banana-maçã, KORO MANI, porém é menor.



## DESCRIÇÃO DE ROÇADOS



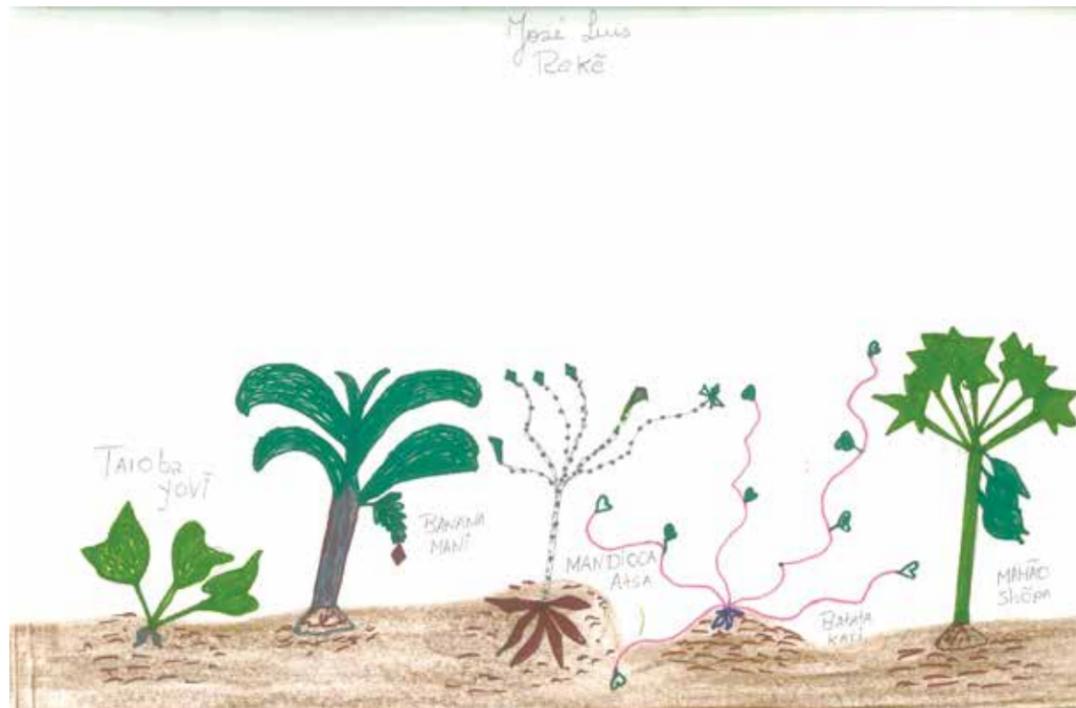
Desenho: Rivaldo Rosa da Silva, Yama

A descrição dos roçados nos permite observar algumas formas de manejo de recursos agrícolas na Terra Indígena Campinas.

O primeiro roçado é o de José Luiz Katukina, foi feito na mata bruta, em MAI TXESHE ou barro preto de terra firme. Zé brocou; depois de 15 dias, derrubou, esperou secar e botou fogo. Hoje, muitos agricultores Katukina não encoivaram seus roçados, como os mais velhos faziam e ainda fazem.

**Primeiro, Zé plantou batata-doce, 150 covas, taioba e mamão – que não é plantado em cova, mas, sim, jogado. José plantou 200 covas de semente de mamão e jogou outro tanto. Depois, plantou a macaxeira, para não atrapalhar o crescimento das batatas. Plantou 300 covas de quatro qualidades de macaxeira, com uma passada de distância entre as covas: MAYA ATSA, HATASHNAA ATSA, VATA ATSA e TXESHE ATSA.**

Segundo José, se o agricultor quiser, quando a macaxeira estiver de um palmo, pode-se plantar milho, com um passo de distância, entre as covas de macaxeira. Depois, entram o milho e a banana. José plantou 250 covas de banana de quatro qualidades, em covas de duas passadas: NAWĀ MANI, AWA MANI, POTO MANI, KORO MANI. O mangará da banana ou MANI VAKA, flor da banana, pode ser comido, segundo os Katukina, mas os próprios não comem. A macaxeira TXESHE ATSA se dá bem com a banana POTO MANI, chifre-de-bode, sendo plantadas no mesmo roçado. Ambas servem para dieta de cobra.



Desenho: José Luiz Rekê, aldeia Samauna

O segundo roçado é o de Rivaldo Rosa da Silva Katukina. Ele conta que, para brocar e derrubar, toda a aldeia ajuda. Para limpar e plantar, cada trabalhador cuida do próprio roçado. Ele escolheu uma capoeira bem grossa, de terra firme, com seis anos. Brocou, derrubou e queimou, mas não encoivou. O barro é da qualidade MAI TXESHE, barro preto. Depois de brocar ou limpar com terçado essa capoeira, passou uma semana para derrubar e queimar. Se for um roçado em capoeira, esperam-se três semanas, mas, se for em mata bruta, queima-se depois de um mês.

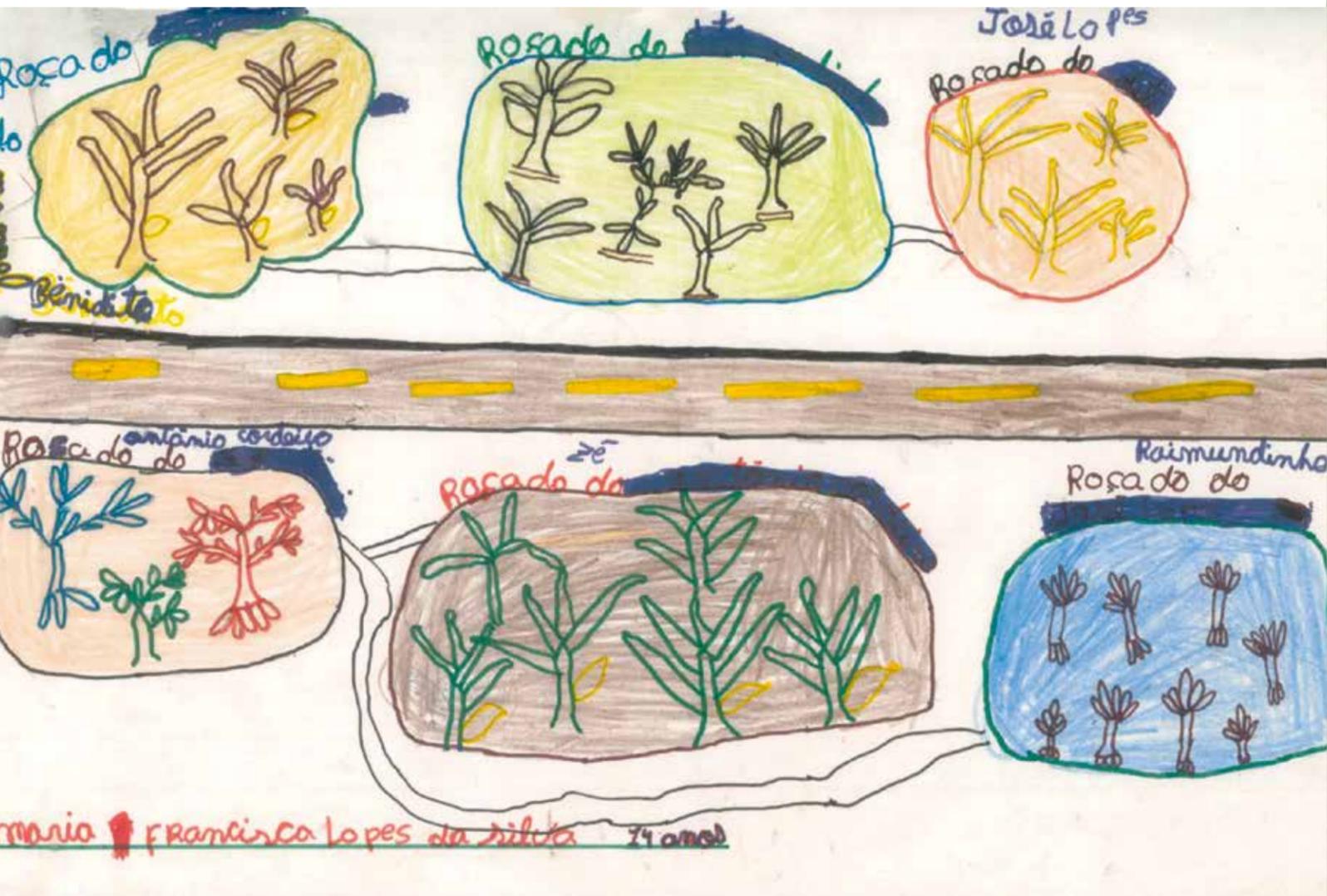
Primeiro, Rivaldo plantou três covas de batata-doce KARI, de duas qualidades, da casca vermelha com a batata amarela e da casca e batata pretas. Depois, plantou



150 covas de macaxeira, da qualidade TXESHE ATSA, uma maniva por cova, com uma passada de distância. Não planta macaxeira em linha ou lêra. Foram três qualidades de macaxeira, escolhidas para o plantio, como também feito por José. Em seguida, Rivaldo plantou banana de três qualidades, AWA MANI, POTO MANI, KORO MANI, em trezentas covas espalhadas pelo roçado. Depois, jogou semente de mamão, das quais vingaram aproximadamente 15 pés. Plantou, ainda, cana-de-açúcar ou TAVATÁ, em 26 covas, em um canto separado. A cana e a banana, quando estão perto, aumentam de produção.

Plantou 5 litros de arroz, separado em um canto, depois semeou 3 litros de milho, com 3 caroços por cova, com 3 passos de distância, usando a semente de milho duro ou YARĀ SHEKI. Comentou, ainda, que milho e macaxeira vão bem juntos; já o milho e a banana não combinam. Plantou 5 pés de taioba durante a lua cheia, que gosta de estar perto do mamão. Por último, plantou tingui de semente (32 pés), com uma semente por cova, semeada na lua minguante. O pé de tingui deve ser limpo durante seu crescimento, como a macaxeira.

Agora, o roçado de VE'A Severo Katukina brocou e derrubou na mata bruta, em uma terra firme atrás da aldeia Samaúma. Edilson o ajudou. VE'A plantou 850 covas de macaxeira, que se come cozida, assada, e da qual se faz kaissuma e farinha para vender na cidade. Plantou três qualidades de macaxeira, cada uma em um canto, no mesmo lado do roçado. A qualidade de macaxeira caboquinha tem a batata grande e amarela, com casca escura, a distância entre as covas é uma passada; macaxeira cumaru, batata mais escura e pequena, de casca marrom; e a macaxeira feijãozinho ou MAYA ATSA. Depois, VE'A plantou banana de seis qualidades, com cinco passos entre as covas de banana e macaxeira. As qualidades escolhidas foram: AWA, MANI, NAWĀ MANI, POTO MANI, SHAWĀ MANI, KORO MANI, TOASH MANI. Então, plantou mamão em todo o roçado e, depois, duas qualidades de cana: caiana, KAŌYA, e cana piojota, TAVATA HŌCHI, um tipo vermelho, deixando um espaço separado para as 38 covas de cana. Foram plantados ainda 3 litros de arroz para alimentação e 10 covas de inhame, separadas em um canto, com apenas uma qualidade, TXESHE POWA.



Desenho: Maria Francisca Lopes da Silva, aldeia Bananeira

O quarto roçado é de KAKO Gean Afonso Katukina. Brocou seu roçado em capoeira grossa de seis anos, atrás da aldeia Samaúma. O pessoal da aldeia ajudou a brocar e derrubar esse roçado, cortado ao meio por um igarapé, tendo terra firme e baixo. É de barro preto, MAI TXESHE. Logo depois de tocar fogo, KAKO plantou mamão por todo o roçado. No baixo do roçado, plantou cana, arroz e tingui e, na terra firme, banana. Plantou também macaxeira, sem encoivarar, nas qualidades MAYA ATSA e HOSHO ATSA. Plantou ainda 400 covas de macaxeira, 270 covas de banana grande AWA MANI, com seis passos entre cada filho. Depois semeou 3 litros de milho, misturando duas qualidades, YARĀ SHEKI, o milho duro, e ANOMATXATI, milho pipoca. Plantou 2 litros de arroz, separados em um canto, só para sustento. Veio então o tingui que costumeiramente é plantado em abril, em duas qualidades: ASHA KOI, da flor branca, ASHA HŌCHI, da flor vermelha. Na sequência, plantou cana caiana, KAŌYA, em 15 covas.

O quinto roçado pertence à Antônia Lopes e ao marido, Antônio Katukina. O casal abriu uma capoeira de dois anos e semeou 8 litros de milho e 50 litros de arroz. Antônia explica:

Para não perder a terra, tira um legume e bota outro: milho, arroz e roça. O arroz separado em um canto. Quando o milho está crescido de um palmo, planta a roça. *Planta o mamão, jogando a semente no aceiro do roçado, arrodando e no meio. Aqui a gente plantou inhame, batata-doce roxa e branca, couve e taioba, num cantinho, na lêra. Plantamos pimenta de carreira com a couve. Pimenta-rosa, da ardosa e pimenta doce, que não é ardosa. No meio desse roçado, plantamos caju, abacaxi e abacate. Estamos agora, abrindo, numa capoeira grossa, o novo roçado. Tá brocado; falta queimar e encoivarar. Macaxeira e milho não vai faltar, de jeito nenhum.*



## VIMI FRUTA

Na pesquisa, foram apresentadas apenas as frutas que servem de alimento para animais e pessoas. Os nomes das frutas são relacionados a eventos, locais de distribuição, época do ano e semelhanças com outras qualidades de objetos e seres.

**SHĀKOI TORÉM** – fruta miudinha verde e roxa. Sua produção ocorre no inverno. Todos os macacos comem, principalmente, o macaco-da-noite, além de araras e papagaios. Como é madeira de pau fino, para pegar a fruta, se trepa na madeira e desgalha, sendo madeira grossa derruba o pau, o que é mais comum. Gosta de várzea de igarapé e rio, gostando de qualquer canto, mas preferindo a mata bruta. A folha é usada para lixar cabos de terçado e machado – uma lixa natural.

**HOTIVI CAJU** – frutinha azeda e redonda, amarelaça. Sua produção ocorre em março. Quando madura, cai no chão e a paca come a semente. Gosta de terra baixa, de beira de igarapé. Lugar bom de esperar caça.

**TECHO CAJUÍ** – come-se a fruta e a castanha assada; ela é verdosa e se descasca para comer. Para assar a castanha, coloca-se dentro de um vaso e põe no fogo, sempre mexendo. No mês de fevereiro, a fruta está caindo. O cajuí gosta de terra alta e baixa, os pássaros a comem, a arara, o japó e o papagaio comem também.

**PAMA SHAKAYÁ** – todos os animais comem, principalmente, jabuti e caça grande de toda qualidade. Sua produção ocorre em setembro. Para apanhar a fruta, a pessoa trepa no pau ou pega do chão antes que os bichos comam. Ela gosta de terra alta. Quando está madura, fica verde. Da pama shakaya, tira-se o leite para um tipo de pintura corporal.

**KŌTI** – fruta amarela, parte-a no meio e come a polpa. Sua produção ocorre em dezembro em terra alta. Anta e queixada apreciam.

**HEPE** JARINA

**Come-se a fruta verde, a polpa que cobre o coco, crua e assada. No mês de dezembro, a jarina está verde, em agosto o coco amadurece e cai. Então, as pessoas e os bichos, como a paca e a cotia, aproveitam. A semente serve para o artesanato: corta o coco, alisa na pedra, cozinha no óleo de patoá para ficar brilhante, depois fura a conta, põe no fio e está pronto. Da jarina, fazem-se anel, cordão, pulseira, brinco e outras coisas mais. A palha cobre casas, e faz-se a peneira, tirando o talo de cima e partindo. O olho da jarina serve para ferrada de cobra. Gosta de terra alta, mas dá mais em várzea de igarapé. Há duas qualidades de jarina: HEPE, a verdadeira, e YAWA HEPE, a jarina da YAWA queixada – importante alimento para esse bicho.**

**TANŌMAKŌ** JATOBINHA – quebra a vagem quando cai da árvore, come-se a polpa da semente. Quando está na árvore, está verde. Sua produção ocorre no mês de janeiro, no inverno. Os papagaios e as araras a comem no pé, ainda verde. Não há na região o jatobá grande, que dá fruta em dezembro. A jatobinha gosta de terra alta.

**PANĀ ISĀ** AÇAÍ DA MATA – o açaí da mata é nativo, enquanto o açaí de planta ou de touceira é cultivado ou plantado. Começa amadurecer em janeiro, produzindo até abril. O fruto está maduro quando a pessoa olha e vê que a fruta está pretinha ou quando atira uma pedra com a baladeira e experimenta. O fruto estando maduro, a pessoa trepa no pau do açaí com o auxílio de uma peconha ou NEXTE – amarração feita de qualquer fibra vegetal, corda ou envira. Tira-se o cacho e põe no paneiro para carregar nas costas, até chegar em casa. Daí se colocam os caroços e as frutas no vaso, lava, põe água e deita a cozinhar. Depois de machucados na água morna, os caroços são peneirados e estão prontos para comer. O vinho de açaí pode ser comido com açúcar, sal, farinha, com macaxeira, natural ou puro. Pode acompanhar as refeições de carne e peixe. Para fazer o óleo, cozinha-se o vinho, depois de pronto, até suspender a gordura. Papagaios, araras e japós a apreciam, verde ou madura. O caroço serve para artesanato. Com a palha, fazem-se saias. Dá no baixo e também na terra alta.

**ĀCHO** – quando cai no chão apanha para comer. Paca e anta comem, dá nos baixos. Sua produção ocorre em janeiro.

**WAWĀ RESHĀ** MARACUJÁ – fruta amarela. Está verde em janeiro. É fruta de baixo, em qualquer pau se trepa. Come-se a polpa. Fruta de inverno, dá um carregão por ano. Macacos soim e morcegos apreciam. Quando se apanha esse tipo de maracujá, não se pode atravessar o igarapé, quando se atravessa o igarapé, a fruta azeda. Além do WAWĀ RESHĀ, há duas outras qualidades de maracujá, como mostra o desenho.

**VEPĀ SENEVI** MARACUJÁ – nasce na semente e sobe no pau, bem alto de uma árvore. Gosta de terra firme alta, onde produz uma fruta que os caçadores encontram no mato, caída. Os macacos-prego e da noite, como os morcegos, apreciam. Ela produz no mês de janeiro durante o inverno. Quando levada para casa, a fruta não presta; tem que ser comida na mata. Se atravessar algum igarapé, a fruta azeda.

**VEO** MARACUJÁ – gosta do baixo meio cerrado, em beira de lago ou beira de igarapé; a fruta é de polpa amarela, doce com casca mole e produz no mês de dezembro, quando é apreciada por macaco soim e morcego.



**MAPACH MURATINGA** – fruta amarela, grande e doce, que deve ser partida com a mão para comer a carne de dentro. Sua produção ocorre no final do inverno. Está verde em janeiro. Os macacos apreciam. Para ser apanhada, tem que trepar e pegar. Ela aparece em todo canto; terra firme e baixo.

**HITXIVI SAPOTA** – derruba a madeira para pegar a fruta no mês de abril, todos os macacos apreciam, assim como a paca e a cotia. Dá em todo canto, na mata bruta. Da sacupemba, tira-se madeira para fazer chapéu de mariri. Tira-se a madeira com o machado e corta devagar com terçado do tamanho que se quer o chapéu. Com a casca da haste batida, fazem-se parede e assoalho para casa.

**YAE BIORANA** – pega a fruta do chão quando a casca está verde, em janeiro, ela fica mole e madura. Dá em mata bruta de terra firme, o jabuti aprecia. Faz-se vinho ou ponche com ela, machucando-se a fruta na água, com ou sem açúcar. As crianças pequenas, quando ainda não falam, são proibidas de comer biorana, pois podem ficar mudas.

**PANI TUCUMÃ** – amarela, esta fruta dá em dezembro e a madeira costuma ser derrubada com seus muitos cachos. O tucumã aparece em todo canto, e a queixada e o porquinho a comem quando cai. As sementes servem para o artesanato: colares, anéis, brincos – tira-se a casca, cozinha e corta com serra. Com o olho da palheira, ou palmeira, são feitas cordas de rede, arco e fios, para cordões, pulseiras, redes, bolsas e brincos.

**HIWI PESAVI** – madura quando amarela. Sua produção ocorre no inverno, começando entre janeiro e fevereiro. Trepam-se na árvore para pegar a fruta, que gosta de várzea e terra firme, preferindo a mata bruta. As embiarias e os bichos de pelo, como os macacos, apreciam.

**NII YOKĀ** – verde, amarela e doce. Sua produção ocorre no inverno. Pegam-se as frutas que estão no chão. Pacas, cotias e antas também gostam. Nasce em todo canto.

**WASHE NAKAVI OITI DA MATA** – é fruta travosa, que se come com a casca. Cai quando madura, está cor de laranja, e o jabuti gosta de comer. Pega-se no chão dos baixos em abril, no inverno.

**KEHO MAÇARANDUBA** – fruta doce e apreciada, que fica vermelha quando madura, pega-se no chão ou derrubando o pau. Dá em mata bruta de terra firme, principalmente, no inverno, em janeiro. A madeira serve para cabo de machado, barrote e esteio. Quando a fruta está presa no galho, os papagaios e as araras a comem. No chão porquinho, queixada, veado e macaco preto não perdem a oportunidade de comê-las.

**HANEVI** – doce, estando madura cai ou o pessoal derruba a madeira. Macacos também apreciam, a fruta é partida para se comer a polpa. Ela dá em todo canto em janeiro e fevereiro.

**SHANA MANIXI** – a fruta cai quando está madura, dá no baixo durante o inverno. Esses animais apreciam: araras, papagaios, jacus, jacamins, veados, pacas, cotias.

**PEYO MACHI** – dá fruta muito saborosa e tem flores bonitas que atraem beija-flor. Encontrada em capoeiras, não é cultivada pelos Katukina.

**SHENĀ INGĀ**

Há uma variedade de tipos de ingá, SHENĀ.

**HISĀ SHENĀ INGĀ COMPRIDINHA** – ingá “quase de metro”.

**RO'O SHENĀ INGĀ DE GUARIBA** – ingá chata, de cerca de 20 cm. Guariba ou capelão, RO'O, se alimentam desse ingá, dando seu nome, além disso, sua vagem peluda lembra o rabo do capelão.

**WASA HINHA SHENĀ INGĀ DO MACACO-DE-CHEIRO** – alimento deste tipo de macaco, WASA, macaco-de-cheiro. A vagem deste ingá parece o rabo do macaco.

**PICHI SHENĀ** – parece com trançado da palheira Jaci, PICHI, que serve para fazer portas e forrar o chão das casas, mas também para tratar a carne de caça.

**RONOKATO SHENĀ** – tem vagem bem enrolada, parece o rabo da cobra enrolado. Na língua Nuke Vana, KATO significa rodilha e RONO, cobra.

**PITSO POKO SHENĀ** – a vagem parece tripa, POKO; de periquito, PITSO.

**MAPĀ SHENĀ** – ingá que parece barata grande da mata, MAPĀ.

**KAPŌ SHENĀ** – ingá parecida com sapo de injeção, KAPO. Tem a vagem bem verdinha como a cor desse sapo.

**KAPE VERO TOKO SHENĀ** – o caroço parece com o olho do jacaré, TOKO; nó encima do olho, VERO; do jacaré, KAPE.

**KETXO SHENĀ** – vagem enrugada ou enrilhada, KETXO, como as rugas de um rosto ancião.



**KATXA SHENĀ** – ingá azeda, KATXA, gosta de beira de igarapé. em terra nem baixa nem alta. A árvore tem média 2,5 m, com frutas amarelas, que dão no inverno entre janeiro e fevereiro. A vagem tem mais do que um palmo e a polpa é doce.

**KOMĀ SHENĀ** – a árvore deste ingá parece com o pau de miratoá. Nasce em qualquer canto, bem grande e alta, sua fruta é bem doce e alimenta bichos da mata, como porquinho, veado, cotia e bichos de pelo, por exemplo, todos os tipos de macacos. Sua produção ocorre no inverno.



Desenho: Ravena e Noya, aldeia Martins.

**NO'O CACAU** – há quatro qualidades, todas apreciadas pelos morcegos.

**MĀTSIS NO'O** – parece cupuaçu, é mais doce que o cacau de beira de rio, tem casca amarela e gosta de terra firme. Pode também aparecer no baixo ou na várzea de igarapés. Sua produção ocorre no inverno.

**VARI NO'O** – parece cupuaçu. Produz no verão, por isso chama VARI, sol; NO'O, cacau. Tem casca amarela e é azedo, dá em terra firme, mas também aparece em baixo.



**KAPE NO'O** – casca cheia de quinas, parece com casco de jacaré, KAPE. Só aparece em beira de rio e no inverno; a fruta é comida com a casca ainda verde. É usado para curar esporada de arraia.

**NESĀ NO'O** – pode produzir em qualquer período do ano, mas, preferencialmente, no inverno, em árvore baixa, de 1 a 2 metros, dá em terra firme e no baixo. Come-se apenas a polpa que envolve as sementes dos frutos que são apenas três por árvore. Parece carambola, pois não fica amarela. Mesmo madura, a casca da fruta ainda é bem verdinha.

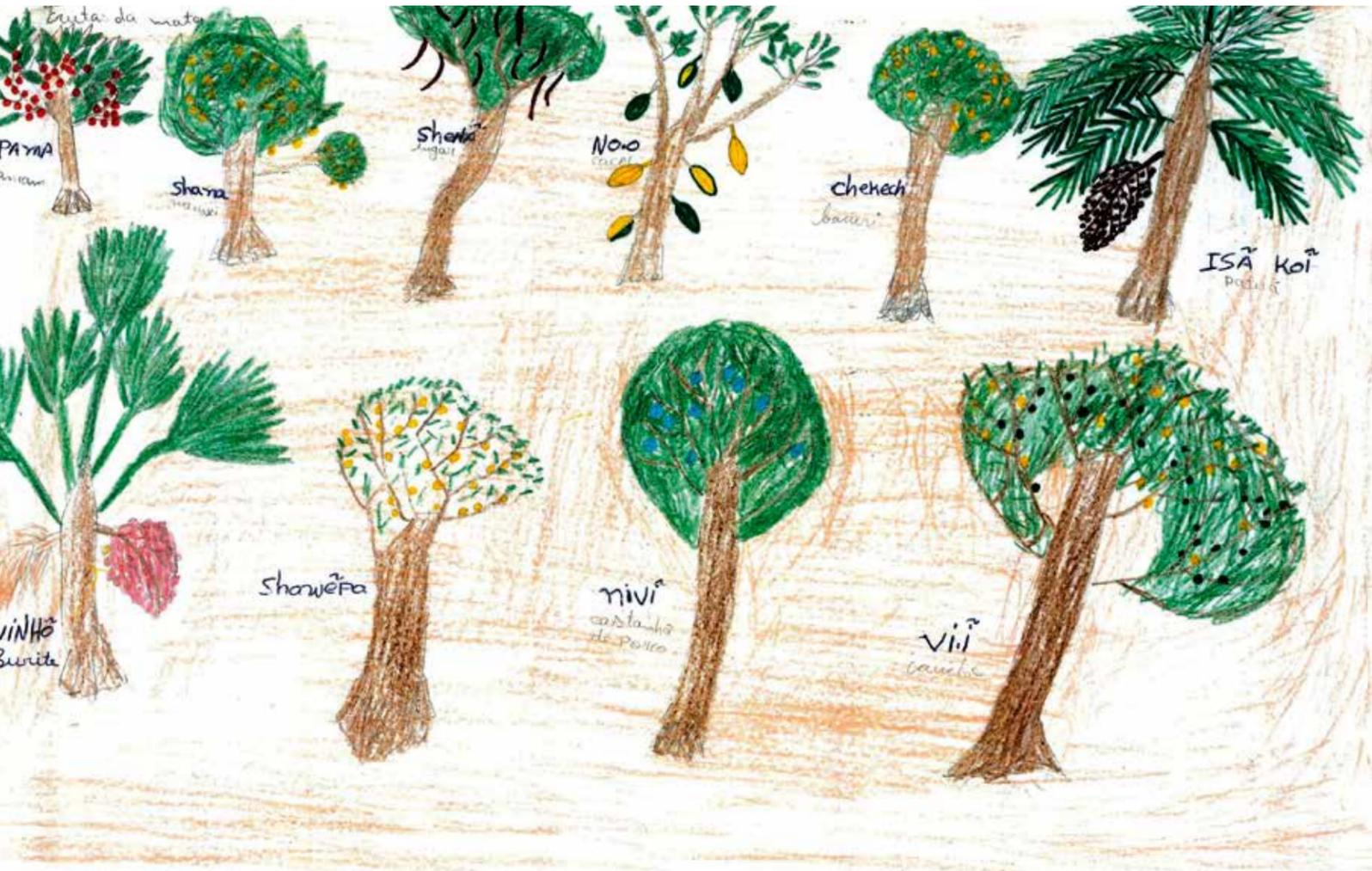
**CHEKECH BACURI** – dá em todo canto durante o inverno, a fruta madura é amarela, a pessoa trepa para tirá-la, parte e depois come a fruta que abraça a semente. Os bichos de pena e macacos apreciam.

**ISĀ KOI PATOÁ** – para o vinho, ISĀ MATCHO: aquece-se o caroço em vaso com água, machuca e coa. Pode-se preparar um óleo fino, cozinhando o vinho até que o óleo se desprenda e boie, para poder ser retirado com uma colher. Com ele, embelezam-se e amaciam-se cabelos e pele, serve para não enferrujar a espingarda e tempera comida. Com a palha, fazem saias. Paca, tatu, cotia e jacu e mais araras e jacamins comem a fruta verde ou madura. Patoá produz no inverno a partir de janeiro, em terra firme, ou baixo, por todo canto.

**VINHŌ BURITI** – com a fruta madura é só trepar na palheira ou a derrubar para apanhar os cachos. O vinho do buriti é feito do mesmo modo que o do patoá, muito apreciado. O buriti é comido maduro, por pacas, tatus, cotias, jacus, araras e pelo jacamim. Da palha, fazem-se bracelete, chapéu e saia de mulheres e homens para dançar mariri. O talo serve para fazer flechas. Com o olho do buriti, fazem-se bolsas e capangas. Gosta do baixo, não aparece em terra firme. Há muitos na região, inclusive, plantados pelos Katukina mais idosos. Sua produção ocorre no inverno, entre fevereiro e março.

**SHAW EPĀ** – dá em todo canto, maduro em janeiro, o costume é trepar para pegar, para comer com a casca, partindo a fruta; quando vem fevereiro, já acabou. Os jabutis e os bichos de pena gostam dela quando está madura.

**NIVI CASTANHA-DE-PORCO** – produz no verão, na terra firme, quando madura cai e a pessoa tora com terçado para retirar a castanha. A castanha, para comer crua, não é boa, a preferência é por assá-la, o que é muito apreciado.

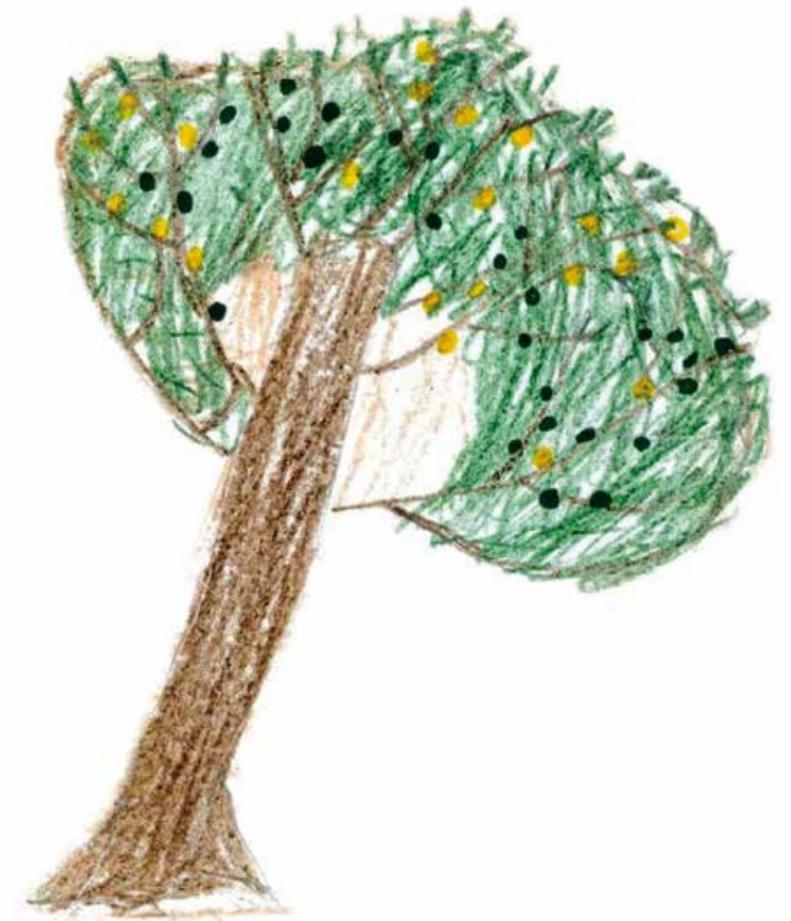


Desenho  
marcos Horácio katukina (ATA)

Desenho: Ata Marcos Horácio

**VI' I CAUCHO** – fruta amarela. Cai quando fica madura, meio azeda; cotias, pacas e bichos de penas, como as nambus, apreciam essa fruta, que dá em qualquer canto durante o verão. Até pouco tempo atrás, faziam-se sacos e bolsas encauchados resistentes à chuva. Com o leite do cauchó, banha-se o tecido que será defumado com casca de cocão e cavaco de cumaru ferro. Esses sacos e bolsas servem para carregar leite de seringa e cartucho para espingarda.

**NII YOKA GOIABA DA MATA** – ela pode ser grande ou pequena e sua polpa é vermelha.





## HIWI ÁRVORE

**SEPĀ BREU** – produz resina cheirosa usada na pintura corporal de matrimônio e festas, para dança do mariri, para caça e guerra, para embelezamento. A resina é misturada com carvão vegetal moído, ou com urucum e também serve para pintura de artesanato, misturada com cinza de madeira caripé, e para tratamentos medicinais. Dá em mata bruta de terra firme.

**HITXIVI SAPOTA** – dá na terra firme e também no baixo, sua madeira serve para construção de casas e canoas. Com a sacupemba, as raízes visíveis, faz-se chapéu para dançar mariri, para cerimônias públicas ou para receber pessoas de fora.

**TXAPÔ TĀMA COPÁIBA** – óleo para furúnculos e perebas, também para desinflamar golpe de terçado, ela dá em mata bruta de terra firme; usa-se derrubar a árvore para retirar o óleo.

**PATXO CARAPANAÚBA** – serve para cabo de machado, usado como remédio para febres. Dá em mata bruta de terra firme ou de baixo.

**PIYO GUARIÚBA** – usa-se para fazer canoa e escultura de madeira, gosta de mata bruta, terra firme ou baixo.

**VOKÔ EMBAÚBA** – há três qualidades, todas chamadas VOKÔ: a de beira de rio, que serve para esporada de arraia; a de capoeira de terra firme ou branca; e a de mata virgem, de envira, que serve para corda de rede. Dá em terra firme, com folha boa para fazer pau ou adubo vegetal.

**POOTO** PAU D'ARCO – de terra firme, a madeira serve para fazer esteio, escultura e outras peças. Serve também como remédio.

**MEI** CARIPÉ – com a casca, faz-se um monte para tocar fogo, com a cinza misturada com SEPĀ, breu, serve para pintar artesanato, como borduna e espadins de pupunha. Para fazer cerâmica, o barro é temperado com cinza de caripé que o torna duro, sem a cinza o barro quebraria ao ser assado. Ela gosta da mata bruta de terra firme.

**KOSHĀ** CEDRO VERDADEIRO – constrói casa e parede, aparece mais no baixo do que na terra firme. O cedro branco serve como remédio para febre. Outra qualidade de cedro é o cedro vermelho.

**TIPĀ** CEDRO ÁGUA – construção de peças de casa: paredes, assoalhos, caibros; dá em terra firme.

**AKO** CUMARU DE CHEIRO – terra firme, serve para caibro, assoalho, parede e cavaco, para cobertura da casa. Sua casca é secada ao sol, depois é pisada para se misturar ao tabaco para fazer rapé que só os homens usam. As sementes também podem ser usadas assim.

**OSHARAO** AMARGOSO – em terra alta, na mata bruta de terra firme, serve para construção e peças da casa, como cavacos e caibros. A folha do amargoso jovem, ainda pequeno, pode ser usada como remédio para febre. Com a raspa da casca, faz-se chá para a criança virar um bom matador de caça, com seu miolo se faz um pó para curar pano branco, micose.

**NOWA HIWI** ORELHA DE BURRO – mata bruta de várzea, com ele constroem-se casa e peças, paredes e assoalhos, além de canoas.

**AMI** AMARELINHO – construção de casa e peças, caibros, assoalhos e paredes. No artesanato, é usado para fazer bordunas. Dá em mata bruta em terra firme.

**MACHI HIWI** ANGELIM – serve para construção só das peças de casa, mata bruta em terra firme ou baixo.



Desenho: PERO Maurício, POWA Edilson, AKE Edvilson, aldeia Samaúma.



**KOTA KŌTA COCÃO** – bichos, como paca, o tatu e a cotia, comem cocão. As pessoas abrem o fruto com o terçado e comem o coco. Para tirar o óleo, cozinha o coco na água, quando o óleo suspende é retirado com uma colher. Esse óleo tempera a comida, protege a espingarda e deixa os cabelos bonitos. Sua palha serve para cobrir as casas: a palheira é derrubada com a folha sendo torada no meio com terçado. A mulher trança a palha e o homem a carrega até a casa que será coberta. Uma casa pequena, 2,5 m por 2,5 m, precisa de 80 palhas para cobrir, com duração média de três anos. A madeira não é usada, já o fruto serve para fazer anéis, brincos e outros enfeites. Com o talo, fazem-se flechas. A casca serve para defumar péla de seringa e saco encauchado. O cocão e a seringa aparecem sempre juntos, segundo os moradores. Para defumar, junta a casca do cocão com o cavaco de cumaru-ferro que não é comum nessa região.

**TAHO PAXIUBÃO** – tira a madeira, abre e bate para fazer o assoalho das casas. Até pouco tempo, usava-se para fazer também a parede. Tucano come a fruta, mas ninguém faz espera. Algumas qualidades de abelhas, como a VONA TXESHE, alimentam-se do pólen desta palheira. Serve para bordunas, peixeiras e espadins.

**SHEVŌ JACI** – óleo tirado como o do cocão, serve para as mesmas coisas. Come-se o coco cru ou assado. Há muito na região e o pessoal derruba para cobrir as casas com as palhas: uma cobertura durável e agradável. Para ficar bem feito, costuma trançar a base das folhas, o que aumenta sua durabilidade. Sendo uma cobertura com muitas palhas bem trançadas, pode aturar muitos anos. O trançado feito com suas palhas é chamado PICHÍ e serve também para forrar o chão, tratar caça e cerrar as entradas das casas à noite, antes de existirem as portas. A palha serve também para fazer abano e tapiri, quando vai caçar de dormida. A madeira não é utilizada. Bichos, como cotia, anta, porquinho, queixada e paca, comem. Boa para espera.

**PITI OURICURI** – a palha cobre casas e a fruta dá coco do qual se come a massa branca. Produz em janeiro alimentando cotia, cotiara, paca e nambu.

**HEPE JARINA** – poucas em toda a região, serve para cobrir casas aturando mais que todas as outras palheiras, chegando há 10 anos, sendo feita e usada do mesmo modo que as anteriores. Comem-se a polpa da fruta e a pele que envolve o coco. Madura pode ser aberta e cozida ou assada, para comer a tal pele. Cotia gosta. Usa-se o olho da jarina para fazer pulseira e cordão. Come-se o olho da jarina quando está verde, cru ou assado. Serve para remédio.

**PERI PAXIUBINHA** – serve para arco, bico de flecha e parede. Para fazer o arco, tora-se a madeira no meio com o terçado e depois, em partes. Depois, enverga-se o arco com a corda. Fruta apreciada por tucanos, veados e porquinhos.



Desenho: PERO, Maurício Rodrigues e NAMIÁ, Eli Carlos, aldeia Martins.

**PITXO MURMURU** – fruta para artesanato: descasca e corta ou serra no meio. Com o bico do coco, fazem-se cordão e pulseira. Pode-se cozinhar o coco no óleo de patoá ou jaci, para a conta ficar preta e brilhante. O olho da palheira serve para chapéu; tira-se o pendão e tora com terçado. Usa o pau para fazer esteio e barrote, que atura até 15 anos. Dá em todo canto e tem muito, costuma-se derrubar porque a casca é cheio de espinho.

**WANI PUPUNHA** – importante alimento e fonte de renda local, principalmente a pupunha grande vendida no cacho, que alcança de 50,00 a 80,00 reais, no Município de Cruzeiro do Sul. A madeira da pupunheira serve para fazer vários enfeites e objetos importantes para o cotidiano e os rituais Katukina, como a espada, o espadim, a peixeira e a borduna, que também pode ser feita da palheira paxiubão. São instrumentos cuidadosamente pintados com breu e urucum. Fazem também arcos e flechas de KANA WANI, pupunha grande e SHINI WANI, pupunha pequena, que podem ser de planta ou da mata. A pupunha da mata, em geral, tem espinhos. As flechas e os arpões têm ponta de pupunha e as penas para dar rumo. Estes instrumentos são finalizados e decorados com fios de algodão cru ou tingido. Os primeiros moradores Katukina da região, como André Katukina, Francisco Assis Cruz, José Cordeiro e Francisco Carneiro, foram responsáveis pelo plantio de muitas pupunheiras na região. Um levantamento feito pelos moradores contabilizou cerca de 3.000 pupunheiras dentro da TI Campinas, principalmente de pupunha grande de espinho e pupunha pequena, ou seja, os moradores fazem o manejo de pupunheiras há muito tempo.

DESENHO DO JORGE HORÁCIO PEI ALDEIA SAMAUMA



Desenho: PEI, Jorge Horácio, aldeia Samaúma.

## CIPÓS E ENVIREIRAS

**ĀYASH CIPÓ TITICA** – serve para fazer paneiro, pequeno médio e grande, vassoura, cestos de várias qualidades, chapéu, peneira e paneiro para apanhar peixe: tira-se o cipó, bate, destala, raspa e trança.

**VOKĀ AYASH CIPÓ TIMBÓ** – vassoura, caçoá, peneira: tira o cipó, bate, raspa e trança.

**SHOVO NESHA TI HICHI ENVIREIRA** – para amarrar e carregar várias coisas, como folhas de palheira, paneiros e caça. Serve também como peconha ou NEXTE para subir em açázeiro. Dá em beira de igarapé.

## FLORES

**WIMI TXESHE** – é um tipo de planta com flores, encontrada perto das casas. Suas sementes são pretas e servem para fazer pulseira e colar.

**MINHA SOROROCA** – sororoca que gosta de baixo e tem a folha pequena. Se morder a folha, fica com a língua azul por alguns minutos. Só tem na mata, não tem de planta.

**YOMEKO** – encontrada em terra firme, baixo e capoeiras. Sua serventia são suas flores, muito bonitas.

**SHONI PEI** – é comum em mata bruta de terra firme, raramente, em capoeiras. Sua fruta é muito apreciada pelo jaboti.

**PANO SHEKI** – em capoeira de terra firme, serve de remédio e tem belas flores.

**KASHKÔ** – somente encontrada em capoeira, suas frutas servem de alimento para bichos-de-pena, como periquito, papagaio, curica e arara. Suas flores são muito cheirosas.

**PEYO MACHI** – dá fruta muito saborosa e tem flores bonitas que atraem beija-flor. Encontrada em capoeiras, não é cultivada pelos Katukina.

**POOTO PAU D'ARCO** – a madeira é importante, ver no item "Madeiras". Aqui é citada por sua beleza e cores: amarelo, lilás, branco, roxo.

## PROBLEMAS, DESAFIOS, SUGESTÕES

### CAÇA E INVASÃO

Entre os Katukina, o HIWI RICHKI, o pique de caça ou literalmente “caminho na mata” não é de propriedade daquele que o abre. A pessoa tira o rumo de um pique ou abre o pique, mas qualquer morador pode caçar naquele caminho. Atrás da aldeia Samaúma, por exemplo, há quatro piques de caça que rumam para o poente: um passa pelo igarapé, que se chama PITXOYA, uma mata cerrada com cipó e sem taboca, cuja margem tem muito murmuru. Esse pique também passa pelo igarapé Martins. Outro pique passa pelo igarapé Martins e vai até as cabeceiras do Chumarra. Do outro lado da aldeia Samaúma, no lado esquerdo, sentido Tarauacá, têm quatro igarapés “bons de caça”, numa mata de restinga.

***Embora demarcada com piques e marcos, a TI Campinas sofre constantes invasões. Muitos dos invasores vêm do estado do Amazonas e de municípios vizinhos. Existem fiscalizadores indígenas, os caciques de cada uma das aldeias, mantidos com recursos do estado, cuja tarefa é manter os marcos e piques da demarcação limpos e visíveis, além de percorrê-los sempre que possível.***

No entorno da Terra Indígena Campinas, predominam pequenas e médias colônias, fazendas e ramais de assentamento rural e florestal. Os vizinhos não têm área suficiente para caçar e, então, invadem. Muitos deles não conhecem os limites da demarcação e a legislação pertinente. Entram pelo igarapé Chumarra ou pelo Campinas, fazem armadilhas para porco, paca e cotia, com buracos e espingardas. Também usam cachorros, prática comum que deve ser evitada. Muitos caçadores ao serem surpreendidos afirmam estar perdidos. A medida tomada é reter as espingardas e levar os caçadores até o posto do pelotão de infantaria da selva (61oBIS), na entrada da TI Campinas, sentido Cruzeiro do Sul.

Há pouco conhecimento de informações sobre a legislação pertinente, direitos e deveres de moradores e vizinhos, o que merece ser ampliado. Há necessidade de um plano de manejo e zoneamento combinados, para toda a região.

É comum os caçadores Katukina defrontarem-se na mata com caçadores invadindo a região pelo fundo da área. O Ramal 7, do Projeto Santa Luzia, vai até a boca do igarapé Abacate, onde há tapiris de caça Katukina. Nas cabeceiras do Abacate, os caçadores “de

fora” fazem seus tapiris e armadilhas. Nas cabeceiras do igarapé Vai-e-Vem e no igarapé Três Vez, há muita caça e nenhum morador, o que também incentiva a invasão pelo lado do Rio Liberdade. Na aldeia Bananeira, os caçadores costumam andar sem pique, “na mata solta”. Hoje andam em média três horas para matar caça, antes andavam no máximo uma hora.

Nas outras aldeias, o tempo médio “de procura” é semelhante. Apenas na aldeia Campinas, os moradores afirmam andar menos para matar caça. A proximidade da estrada, o barulho de veículos e máquinas e a pressão da ocupação dos assentamentos têm diminuído, consideravelmente, o estoque de peixes e caças grandes, como queixada, veado e porquinho. Nas outras aldeias, não é muito diferente. A caça está se afastando da margem da rodovia. Segundo um morador: “A estrada espalhou a caça, é barulho de dia e de noite. Antes a caça chegava mais perto”.

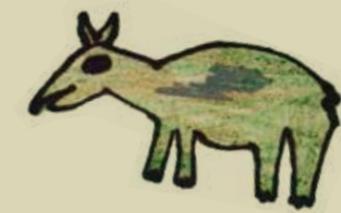
Os tapiris de caça, pequenas construções em pontos bons, como cabeceiras e cursos de igarapés desabitados, ajudam a diminuir o impacto das invasões e permitem a circulação de moradores pelas cercanias das terras indígenas. São cerca de 15 tapiris que acompanham os limites de demarcação. Cada aldeia é responsável por visitar os tapiris, frequentados por grupos pequenos ou grandes de caçadores, com suas esposas e filhos, a chamada “caça de dormida”.

Na aldeia Bananeira, têm três tapiris de caça localizados a três horas da margem do igarapé Vai-e-Vem. A região do centrinho do igarapé Frandeiro tem muita caça, sendo, possivelmente, um refúgio. Segundo um morador:

***Andei cinco dias para o rumo desta ilha de mata. É uma mata deserta, tem anta, tem queixada, tem muito peixe nos igarapés. Para aqueles lados, só tem gente na beira do Campinas e do Liberdade. Depois que o Campinas sai no Juruá é que tem gente na margem.***

Outros igarapés considerados bons de rancho e muito invadidos localizam-se na “frente” da terra indígena, que praticamente não tem moradores e também nas cabeceiras do Vai-e-Vem e Três Vez, pelo pessoal do Rio Liberdade. A região dos igarapés Três Vez, Abacate e Vai-e-Vem, provavelmente, é área de refúgio de caça. A cabeceira do Vai-e-Vem, com fartura de caça grande, tem tapiris localizados a cerca de três horas de sua margem.

Na aldeia Samaúma, são dois tapiris do lado em que fica a aldeia, nos igarapés Areia e Cabeceira do Martins e um tapiri do lado esquerdo, nas cabeceiras do Boi. Na aldeia Martins, quatro tapiris, uma na cabeceira do Chumarra, um na cabeceira do Bodó, um no médio Olinda e outro no médio Jaracatiá. Toda essa região é provavelmente uma área de refúgio de caça. Na aldeia Campinas, são quatro tapiris: dois no médio Chumarra, um



no médio Biorana, afluente do Campinas e um no Campinas, abaixo da boca do Abacate. A cabeceira do Abacate também é um refúgio de caça, muito procurado por caçadores indígenas e “de fora”.

Pela descrição de seus itinerários de caça, os Katukina também adentram territórios que não pertencem à TI, como é o caso da mata situada há cerca de três horas, para o rumo do Jaracatiá e do Pinheiro, seu afluente. Também há tapiris Katukina, para frente do igarapé Boi. Os moradores do entorno, como localidades Lagoinha, Vai-e-Vem e Liberdade, afirmam que a tinguizada, pescaria coletiva com tinguí feita pelos Katukina, várias vezes por semana durante o verão, prejudica a oferta de peixes para toda a região. Tal situação só pode ser revertida com intensa participação dos moradores da TI e áreas de entorno, em um plano de manejo interligado que recupere e mantenha a disponibilidade de caça e peixe.

São necessários acordos de caça e pesca para evitar a invasão ou diminuir o impacto sobre a caça que já está difícil na região, devido à proximidade da estrada e dos assentamentos rurais.

### **MARISCO**

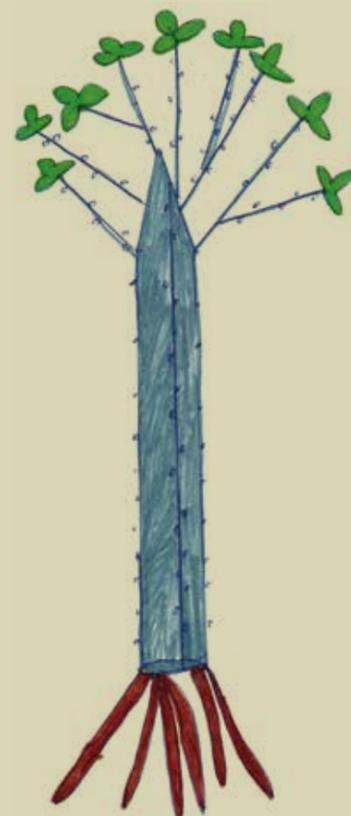
O estoque de peixe tem diminuído. No tempo do verão, moradores e comerciantes de Rodrigues Alves, Lagoinha, Ramais 4 e 2, do Projeto de Colonização Santa Luzia mantêm um ativo comércio de peixe salgado no porto da balsa. O excesso de utilização de tinguí, por parte dos moradores da TI, em remansos e poços, principalmente no verão, também contribui para diminuição do estoque de peixes, em toda a bacia do igarapé Campinas. Um plano de manejo combinado – interligando as unidades de conservação, os assentamentos e os municípios vizinhos – pode diminuir tais problemas, em uma ação a médio e longo prazos, entre 2 e 15 anos. Podem ser feitos estudos de lagos e igapós para repovoamento de peixes, aproveitando-se os quatro açudes da TI que começam a produzir pescado. Há necessidade de efetivar-se o Comitê de Águas e as bacias hidrográficas na região.

## MADEIRA

A TI Campinas ainda tem um estoque variado de madeira de lei, visada pelos moradores de Rodrigues Alves e outros municípios, principalmente na boca dos igarapés Jaracatiá e Olinda, que desembocam no Campinas, por onde ela pode ser facilmente escoada. A aldeia mais visada é a aldeia Campinas. Na aldeia Bananeira, ainda não foram registradas invasões, embora haja presença de aguano e outras madeiras de lei na região. Devido ao rumo tomado pelas invasões, é provável que o estoque de madeiras para o lado do Riozinho da Liberdade supere o estoque dos ramais dos assentamentos e do Município de Rodrigues Alves, os principais invasores.

## ESTRADAS DE SERINGA

Hoje ninguém corta mais seringa, embora muitos homens, com mais de 50 anos, tenham trabalhado nessa função. A reabertura de estradas de seringa pode ser uma estratégia interessante, desde que os moradores se sintam animados para este tipo de produto. Por enquanto, não há interesse. Todas as aldeias dispõem de estradas de seringa vadiando ou sem utilização, pois a região fazia parte de um grande seringal. Na aldeia Samaúma, por exemplo, atrás da aldeia, do lado direito, no sentido Tarauacá, há quatro estradas vadiando. Do outro lado mais seis, com uma média de 140 ou 120 madeiras.



## ARTES

***Os recursos a seguir são muito importantes para as artes Katukina e foram citados como potencialidades locais:***

**Cipó titica:** com este cipó, os Katukina fazem paneiros, cestos e peneiras de vários tamanhos e utilidades. Serve para carregar e armazenar frutas e legumes, apanhar peixes durante a pesca com tinguí, para guardar objetos pequenos. As peneiras são usadas para preparar e coar alimentos, como massa de macaxeira, farinha e vinhos da mata. Em geral, todas as mulheres sabem fazer e muitos homens também.

**Bacaba:** cestaria e peneira de talo de bacaba.

**Algodão:** fio de arco, linha para confecção de rede de algodão (TXUCA), fio para adornos, acabamento de flechas e arcos. Algodão só dá no verão. Algumas folhas da mata, cascas e madeiras são utilizadas para tintar o algodão, em várias cores. A açafroa ou açafraão dá tinta amarela.

**Tucum:** fibra para bolsa, embornal e rede. Fios para artesanato. A fibra pode ser tingida com a batata da açafroa (amarelo-ocre), urucum, madeiras e/ou folhas da mata.

**Tinturas:** os Katukina não têm interesse em informar sobre tinturas e KENE ou desenhos tradicionais. As pinturas corporais são feitas para determinadas funções e rituais, como dançar, casar, guerrear, brincar e ficar bonito.

**Pupunha:** a pupunha é usada para fazer artesanato. Além de importante fonte de alimento, é também um produto comercializável na região, valendo entre R\$ 30,00 e R\$ 60,00 reais o cacho, no mercado de Cruzeiro do Sul. Na confecção de artes em madeira de pupunha, os moradores pintam a madeira da pupunheira usando urucum, jenipapo e carvão vegetal pisado, misturados com SEPÅ breu. A pintura serve para dar acabamento e durabilidade aos objetos. Esta atividade, a médio prazo, necessita de plano de manejo.

**Adornos:** os Katukina fazem inúmeros tipos de adornos. São cordões e pulseiras de conta ou miçanga, em vários tamanhos e modelos: jacaré, jaboti, estrela, casa. Confeccionam braçadeiras, chapéus de sacupemba de sapota, cipó titica e murmuru. Observa-se um trabalho muito bonito feito com aproveitamento de canos de plástico PVC reciclados. Silmara, da aldeia Samaúma, corta o cano com terçado, rola e alisa na pedra, fura com agulha quente e depois tece as braçadeiras com fios de algodão. São feitos ainda bolsas, capangas e cordões de sementes de sororoca, lágrima-de-nossa-senhora ou capiá; brincos de contas, com espinhos de quandú, sementes e penas; pulseiras de contas e algodão; cocares ou chapéus de pena.



PARTE II

# NUKE HANÛ HAWETI VENA

## PROJETO DE VIDA NUKE KUÏ

### PALAVRAS DOS REPRESENTANTES DAS ALDEIAS SOBRE O PLANO DE VIDA

**Fernando Katukina** – presidente da Akac

*[...] O objetivo deste projeto de vida, eu já venho planejando desde de 2000, só que ainda não tinha tido oportunidade de discutir como um projeto de vida do povo Nuke Kuï [...] Minha ideia de construir este projeto foi porque está morrendo a nossa cultura, que, muitas vezes, está sendo praticada de forma diferente, muitas vezes a forma desta cultura acontecer não esta igual à origem... Então para nós este momento é a hora que estarmos registrando, colocando de forma escrita e prática, de forma audiovisual, de palestras para todo nosso povo. Isso também vai acontecer nas escolas, mas porque que eu articulei isso para os professores participarem junto com os alunos, para eles participarem bem deste momento de elaboração deste projeto.*

*Muitas vezes, a gente chegou a falar assim “a gente está perdendo muitas das coisas importantes que vão servir para o nosso futuro”, no futuro queremos ter a garantia de toda a história do nosso povo Nuke Kuï. Isto deve ser divulgado que fique na escola, para que fique também na sede da associação, no posto de saúde, isso nós temos que trazer novamente este conhecimento tão rico e tão maravilhoso, que nós não estamos aproveitando para nossa atual geração [...]*

*Imagina as gerações que virão na frente, então nós estamos preocupados com este tema e por esta razão e que esse é o plano verdadeiro do nosso projeto, a intenção verdadeira do nosso projeto. Está certo que, nesse plano, têm diversos projetos, de festa, de dança, de música, de espiritualidade, de educação, de saúde, de parteiras, têm diversos projetos que estão incluídos, neste projeto de vida.*

*Então o objetivo é fortalecer, o título do projeto é Projeto e Vida do povo Nuke Kuī (Nuke Hanū Haweti Vena). O objetivo geral é fortalecer estes conhecimentos indígenas e não indígenas e centralizar num plano, este plano para nós é tipo um dicionário, nos vamos olhar para este plano e vamos elaborar o projeto assim, em cima deste plano que está sendo feito agora. O objetivo específico é fortalecer a cultura. Dentro da cultura, tem a medicina, tem artesanato, em todas as suas séries, desde tecelagem, cerâmica, fabricação de rede, rede de algodão, fortalecer as medicinas tradicionais, este é o objetivo específico do projeto... Agora a meta é quem vai fazer [...] Então tem que ter um planejamento...*

*Então, estamos indo bem. Nós queremos melhorar a nossa vida, queremos melhorar a nossa produção, nós queremos melhorar o nosso artesanato, nós queremos fazer intercâmbio, esta é a meta do nosso projeto de vida [...] Agora o cronograma nós estaremos fazendo de acordo com o nosso projeto, como deve ser feito, como nós relacionamos ali no nosso planejamento, vamos montar um calendário de atividade e está colocando ali no cronograma o que a gente pode estar contribuindo com a nossa atividade que nós vamos alcançar [...] Nós estamos falando no nosso projeto de contrapartida, como nós estamos fazendo agora, trazer os técnicos aqui e propor para eles quais são as nossas contrapartidas, que são o espaço e algumas alimentações, realizar estes encontros grandes e também fazer parcerias com outros órgãos, para conseguir transportes e hospedagem. Isto que pode ser as nossas contrapartidas, isto estou falando do corpo do nosso projeto de vida do povo Nuke Kuī [...] Assim nos fazemos parcerias com as fontes financiadoras e assim contamos com o apoio de vocês, do estado e não estado, como as ONGs; vamos precisar de apoio de instituições federais de onde sai também a fonte financiadora para suprir as nossas necessidades [...]*

**Nilo Carneiro** – liderança aldeia Varinawa

*[...] O projeto de vida Nuki Kuī é importante porque é o nosso futuro para nossas crianças, nossos filhos. Hoje nós já temos técnicos, professores com capacidade para tocar este projeto... Estas atividades gerais do projeto cabem a todas as pessoas da comunidade porque envolvem tudo da cultura, nossas comidas, nossos trabalhos, neste projeto cabe a nossa história [...] Por isso tá todo mundo gostando e participando [...]*

**Orlando de Assis Cruz** – aldeia Masheya

*[...] Este projeto surgiu dentro do pensamento do povo Nuki Kuī e dentro deste projeto de vida, isto faz parte da saúde, da educação, da produção e outros que tá contemplado dentro do projeto [...] Nisso aparece os nossos problemas e dificuldades e, por isso, é um projeto da nossa vida cotidiana [...]*

**Benjamim Shere Katukina** – professor aldeia Samaúma

*[...] O nome projeto de vida já fala, o nome já deu um norte de vida, este projeto que vai continuar mantendo o Povo Nuke Kuī na terra indígena. Com ele que a gente vai viver e vai continuar vivendo futuramente e para sempre. Mesmo que morando nas margens desta estrada, desta rodovia, acho que a estrada é permanente e também o Povo Nuke Kuī é permanente, a terra também vai ser permanente e este projeto vai trazer um bom resultado para a gente [...] Nós temos uma equipe que já vinha pensando nisso há muito tempo, mas ainda não tinha chegado a elaborar e dar um passo mais na frente. Então acho isso uma coisa muito feliz [...] não é o projeto que veio de fora, nós que estamos construindo um projeto de acordo com a nossa realidade, com as nossas necessidades, com a nossa cara mesmo, como Povo Nuke Kuī. Nós que estamos construindo, nós que estamos pensando para dar um futuro melhor para nós todos [...]*

**Evaldo Carlos Katukina** – aldeia Bananeira

*[...] Esse projeto de vida tá todo mundo junto da aldeia Timbaúba e aldeia Numanawa (TI Rio Gregório) tá dentro deste projeto [...] Projeto de vida é o nosso projeto, essas lideranças que estão presentes aqui, embora que não alcance este projeto de vida, de longo prazo, mas nós temos crianças, estas crianças que vão continuar este projeto e vida, e por isso eu fiquei muito feliz e achei muito importante [...]*

*As perspectivas de futuro do projeto de vida “Nuke Hanū Haweti Vena” foram apresentadas pelo presidente da Akac, em face de três atuais demandas políticas dos Nuke Kuī, relativas às invasões pela população do entorno, a presença da BR 364 e a luta pela revisão dos limites da TI Campinas/Katukina.*

**Fernando Rosa Katukina** – presidente Akac

*[...] Eu creio que o resultado deste plano de gestão, futuramente daqui 10, 20, 30, 40, 50 anos, com mil anos mesmo, queremos que a floresta continue em pé. Outra coisa que queremos é que estas áreas degradadas daqui recebam reflorestamento, receber este projeto de SAFs. Daqui 50 anos queremos continuar praticando, realizando todas nossas danças, músicas, os artesanatos, tudo que envolve a cultura do Povo Nuke Kuĩ.*

*Daqui 50 anos, nós queremos mostrar para nós e para a população não indígena os materiais produzidos, tanto em cartilha, como em material audiovisual e material verbal. Tudo isso nós queremos deixar registrado, porque faz mais de 500 anos nós estamos trabalhando e não tem nada registrado até agora [...] Pensando na futura geração, que pode trabalhar fazendo que pode nascer, mas dentro do plano, este plano é nosso amigo, nosso coração, nosso irmão.*

*Nós olhamos o passado e elaboramos este plano. A gente espera que daqui 50 anos, 70 anos nossa terra esteja protegida e respeitada de acordo com nosso trabalho. A gente espera estreitamento de relação com os nossos parceiros, quais são os parceiros que devem estar do nosso lado? Como nós colocamos no nosso planejamento Ibama, Imac, Polícia Federal, Ministério Público e demais parceiros que possam nos ajudar para deixar nossa terra preservada, nossos rios sem poluição, não haver muitos desmatamentos, queremos nossas medicinas em pé dentro da nossa floresta. Queremos continuar com o nosso mercado de peixe, continuar com nosso mercado de carne e a floresta. Temos esta segurança para nós garantirmos a nossa floresta em pé [...] Algumas coisas vamos estar trocando experiências com técnico indígena e não indígena, que possuem grande escolaridade e nós temos o conhecimento do nosso lado. Então esta troca de experiência é muito importante para elaborar o nosso plano, no momento presente e no momento futuro [...]*

*Esta é a minha visão como ator deste projeto e espero ainda ver os resultados deste projeto. Em relação à rodovia federal que corta nossa terra 18 km, nós esperamos que este trecho que passa aqui seja respeitado, seja controlado também, como a gente colocou no nosso planejamento que queremos que todas as autoridades que estão junto com a gente ajude a combater a alta velocidade dos veículos que estão*

*passando dentro da terra indígena. Estamos pensando também na criação de pedágio e também de fechar à noite o trânsito que passa na terra indígena, são estas duas propostas que nós temos, mas o encaminhamento que tivemos aqui foi de procurar as autoridades competentes e lutar por este pedágio. Daqui a 50 anos, eu sei que, daqui a 50 anos, a estrada vai durar mais de mil anos, que é para sempre, como o Shere tava colocando aqui. Queremos que o povo também todo este tempo, ou mais, muito mais ainda, porque se o dia que a gente não quiser mais a gente não deixa mais os carros aqui, é mais fácil de proibir, o povo não vai viver muitos anos [...]*

*A população do entorno acho que daqui 50 anos a gente vai ter que trabalhar bastante para eles respeitarem a nossa terra indígena, deixar de invadir. Para isso nós vamos precisar de um trabalho bastante longo com pessoas responsáveis ou órgãos responsáveis, que conversem seriamente com eles, que entrem com projeto para os moradores do entorno. Como já disse aqui, o Incra assentou este povo sem projeto, sem manejo nem de fauna, nem de flora, portanto a situação atual, cada lote só tem capineira, não tem gado, e muito lotes já foi desmatado tudo, todos os limites. Essas pessoas que invadem nossa terra. Para essas pessoas, futuramente tem que ter um projeto de agricultura, de piscicultura ou de criação de gado mesmo que já tem capim suficiente. Também de SAFs porque já tem muito capim. Assim pode diminuir estes problemas de invasões na terra indígena, deixar o povo Nuke Kuĩ feliz, sem muitos problemas. Nós podemos estar apoiando as suas experiências dos projetos que a gente vem executando. Futuramente a gente não quer roubar nada deles, queremos repassar nossos conhecimentos, ensinar executar os projetos deles, tentando aplicar estes conhecimentos com eles, trabalhando junto, quando a instituição responsável quiser o nosso apoio nesta parte.*

*Porque aqui nós já temos no processo de formação agentes agroflorestais, aqui nós já temos agente de saúde, aqui já temos professores, tem AISAN, aqui também tem pessoa de fiscal, o reconhecimento de formação, então aqui nós já temos experiências suficientes para poder contribuir, então, no dia que os órgão olhar estas pessoas, nós podemos ajudar, nesta parte de construir junto este projeto que acabei de citar. Para que estas pessoas do entorno sejam também beneficiadas, assim eles podem deixar de invadir a nossa terra. Enquanto não tiver nenhum projeto de sustentabilidade*

*destes assentados, eles nunca vão deixar de invadir a nossa terra [...] Então, futuramente, nós queríamos que nós e vocês parceiros conversassem mesmo dentro desta ideia de criar projetos, nós temos que fazer alguma coisa para os assentados não entrar mais na nossa terra. Agora o pensamento de nós revisarmos os limites da nossa terra, primeiro nós aqui já falamos muito isso “que aqui é escasso de peixe e de caça e a população aumentando”. Os Nuke Kuī, a cada ano, segundo levantamento do agente de saúde na minha aldeia, nascem 18, 19 crianças cada ano. Quando a população aumenta, a caça vai se acabando e o povo aumentando, peixe se acabando e povo aumentando, daqui 50, 100 anos, onde que estas crianças que tão vindo aí vão se alimentar?*

*Nós garantimos a nossa parte para executar de projeto de vida, talvez eles já vêm com outra ideia, mesmo tendo o plano, talvez pode entrar com outra ideia [...] Atualmente nós estamos comprando carne na cidade, estamos comprando peixe da cidade, estamos comprando frango da cidade, é por isso vamos fazer estas criações, vamos criar muitos peixes e deixar de pegar demais filhotes de animais, para que estes filhotes criem e aumentem. Então para nós hoje não tem mais onde buscar estes alimentos de caça e pesca, e aqui até madeira tá ficando longe, imagine estas crianças crescerem onde vão arranjar madeiras, que vai estar mais longe ainda.*

*Portanto, de acordo com o nosso conhecimento tradicional, de acordo com as nossas moradias, de acordo com os nossos trabalhos, com a nossa matéria-prima, de acordo como nossa produção agrícola, estamos vendo que a terra é pequena para nossas necessidades. Isso nós queríamos mostrar para o presidente da Funai, de acordo com o nosso mapa dizendo “Olha presidente aqui tá tendo invasão”, vocês já sabem, mas o presidente da Funai não sabe, a Funai não participa de nenhuma reunião, não aparece, daí como ele vai detectar as invasões da nossa terra? Portanto nós planejamos criar uma comissão, levar este mapa que foi demarcado a nossa terra que hoje tem 32 mil hectares [...].*

*Então nós vamos levar estes dois mapas, o mapa da demarcação e a nossa proposta de ampliação. Assim a gente quer mostrar o tamanho da nossa terra e o nosso valor de empoderamento a nível cultural, e também levar para ele este projeto que estamos construindo. Como o governo tá dizendo que, se a comunidade quer vida saudável, tem que*

*partir para o empoderamento. Então nós Nuke Kuī chegamos nesta parte do empoderamento [...] Então é isso que nós queríamos que o presidente da Funai olhasse a nossa cara mesmo e entendesse e mandasse urgentemente um grupo de GT para fazer levantamento e saber quantos moradores e quantos hectares podemos fazer a revisão dos limites da nossa terra indígena [...] Nós estamos preocupados com o futuro então é isso é o nosso objetivo de reivindicar a revisão dos limites da nossa terra indígena [...].*

## ACORDOS COLETIVOS

### I. PESCA

Hoje em dia, tem pouco peixe na Terra Indígena Katukina/Campinas, por vários motivos:

- porque não tem rio grande no nosso território, só tem igarapés pequenos;
- os yará (não índios) que moravam aqui antes usaram muito tingui e assacú para pescar;
- a população Nuke Kuĩ aumentou muito nos últimos anos;
- existem muitas invasões em nosso território para roubo de peixes, através de pesca predatória; e
- os próprios Nuke Kuĩ também vêm usando muito tingui.

Por esses motivos, temos cada vez menos peixes em nossa terra indígena, sendo assim estamos pensando em algumas soluções:

Estudo técnico de viabilidade para o plano de piscicultura voltado para consumo interno e comercialização, a ser realizado por uma equipe devidamente capacitada.

Fazer novos projetos e cobrar do governo o repovoamento de peixes nos igapós da terra indígena.

Para ter um controle do tingui – asha, cada aldeia deve deixar de usar esse veneno em alguns igarapés:

- **Aldeia Campina** – não vai usar tingui no igarapé Chumarra – *Hepeya*.
- **Aldeia Varinawa** – não vai usar tingui no igarapé Olinda – *Iwiya*.
- **Aldeia Samaúma** – não vai usar tingui no igarapé Olinda – *Iwiya*.
- **Aldeia Masheya** – não vai usar tingui no igarapé Frandeiro – *Vonaya*.
- **Aldeia Bananeira** – não vai usar tingui no igarapé Frandeiro – *Vonaya*.

Esta norma valerá por três anos. Em junho de 2010, será feita uma avaliação da situação dos peixes na terra indígena.

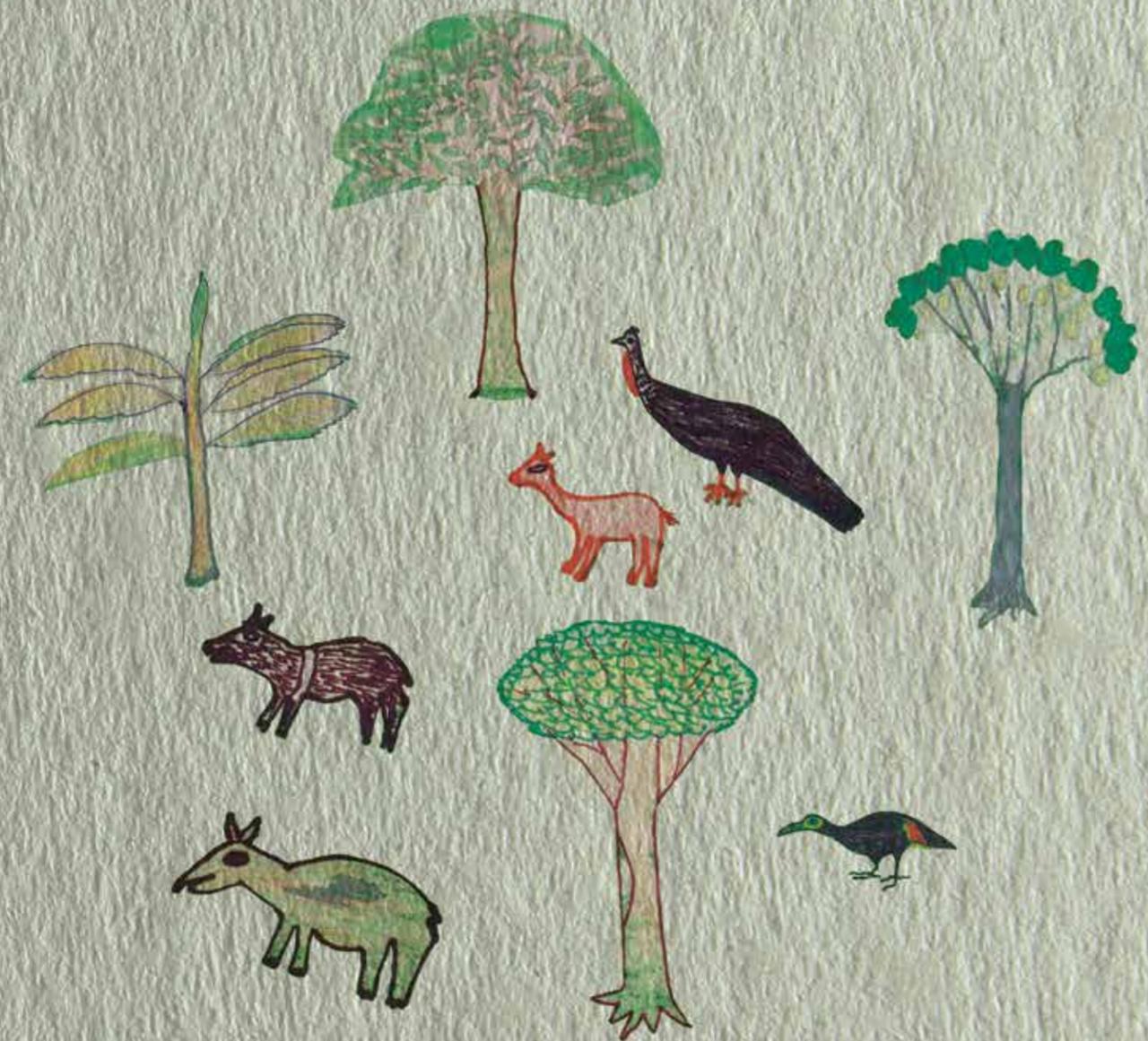
## II. CAÇA

Antigamente, tinha muita caça na Terra Indígena Campinas/Katukina, mas, hoje em dia, quase não existe mais caça nesta terra indígena, por vários motivos:

- muitas invasões dos moradores do entorno para roubo de caça;
- aumento da população Nuke Kuí; e
- os Nuke Kuí caçaram com cachorro durante muito tempo.

Para resolver esse problema, vamos fazer as seguintes atividades:

- 1) Caçar com cachorro apenas nos aceiros dos roçados ou no máximo com 1 hora de distância da aldeia.
- 2) Não trazer mais filhotes de animais da mata para criar na aldeia.
- 3) Não caçar jacaré na época da desova e não pegar ovos de jacaré. Se pegar, colocar para chocar e depois que nascer, soltar os filhotes nos igarapés e nos igarapés.
- 4) Dar continuidade ao monitoramento de fauna (avistamento).



### III. RECURSOS FLORESTAIS

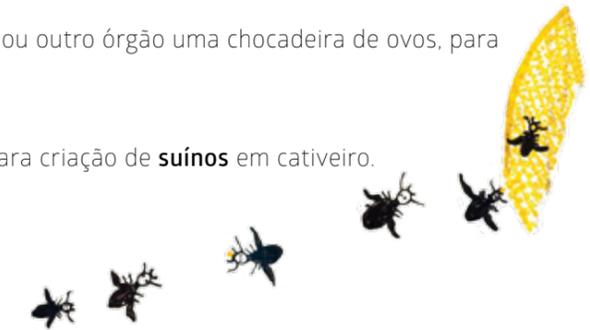
- 1) **Frutas da mata – na terra indígena, já foram derrubadas muitas fruteiras para apanhar as frutas, por isso, as fruteiras estão ficando cada vez mais longe das aldeias. Então, hoje em dia, não podemos continuar derrubando as fruteiras. Para colher as frutas, tem que subir e cortar o galho ou derrubar a fruta. Se tiver que derrubar a árvore, tem que levar sementes para plantar perto das casas, nos SAFs e quintais.**
- 2) **Madeira serrada** – antigamente tinha muita madeira nesta terra indígena, mas, desde o ano de 1988, os Nuke Kuí Vu vêm usando madeira serrada para construção de suas casas. Estamos usando a madeira serrada e o alumínio para nossa segurança, para evitar que as pessoas que passem na BR 364 entrem em nossas casas.
- 3) Estudo de potencial e viabilidade de **produtos florestais não madeireiros**.
- 4) Para evitar o desperdício de madeira na terra indígena, queremos **aproveitar as madeiras de lei derrubadas nas áreas dos roçados** e fazer bancos, mesas, esculturas e móveis. Para isso, precisamos de treinamento de como serrar a madeira e também de marcenaria para fabricação dos móveis.
- 5) Outra atividade que os agentes agroflorestais e outras pessoas vêm fazendo é o **plantio de mudas de madeiras de lei** nos SAFs e nos quintais.
- 6) **Palha** – com a construção das casas de madeira serrada e cobertura de alumínio, as palheiras usadas na cobertura das casas aumentaram perto das aldeias, mas, hoje em dia, estamos voltando a usar palhas de palmeiras para cobrir as nossas cozinhas familiares e outras construções comunitárias. Para isso, precisamos manejar as palheiras para tirar as palhas sem derrubar a árvore.
- 7) **Cipós** – usamos os cipós para várias coisas da nossa cultura, como para amarração de madeiras e palhas das casas, fabricação dos paneiros, vassouras e outros objetos. Por isso, precisamos manejar os cipós, para que não fiquem longe das aldeias.

### IV. PRODUÇÃO

Como na Terra Indígena Campinas/Katukina existe muito pouca caça e pesca, tornando difícil a alimentação de seus moradores, estamos pensando em incentivar algumas criações:

#### CRIAÇÃO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS:

- 1) **Galinha** – cada aldeia deverá ter a sua granja comunitária e cada família deverá ter também a sua criação individual para poder zelar.
- 2) **Pato** – organizar para cada aldeia ter uma criação de patos nos igapós e nos açudes.
- 3) **Capote** (galinha d'angola) – serão criados em uma granja comunitária, em cada aldeia, que, depois de produzir os filhotes, vão ser distribuídos para cada família criar.
- 4) Solicitar do governo do estado ou outro órgão uma chocadeira de ovos, para incentivar a criação de aves.
- 5) **Elaborar um projeto-piloto** – para criação de **suínos** em cativeiro.



#### CRIAÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES:

Para ter alguns animais silvestres, que têm pouco ou não existem mais na terra indígena, queremos criar alguns animais em cativeiro:

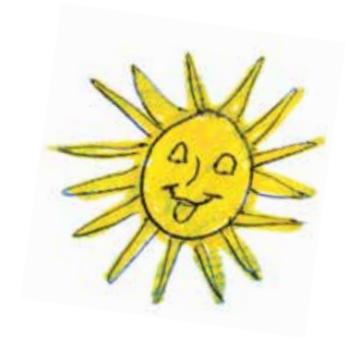
- 1) **Quelônios** – criar em cativeiros, nos açudes ou nos igapós, tartarugas e tracajás, sendo um criatório em cada aldeia. As comunidades precisam ser capacitadas para realizar essa atividade.
- 2) **Capivara** – o criatório de capivara será centralizado em uma aldeia apenas. Depois que as capivaras se reproduzirem, os filhotes serão distribuídos para as outras aldeias.
- 3) **Abelhas silvestres** – os agentes agroflorestais vão incentivar a criação de abelhas nativas em todas as aldeias, para a produção de mel.

## ROÇADOS

**1) Para colocar os roçados, os Nuke KuĪ Vu vão continuar respeitando as áreas de mata ciliar e vamos continuar a não colocar roçados nas beiras dos igarapés e nem na beira da BR 364. Cada aldeia tem o seu planejamento de roçados, mas vamos evitar colocar os roçados na mata bruta e vamos tentar usar mais as áreas de capoeira. A banana e o mamão têm que ser plantados na mata bruta, mas a macaxeira pode ser plantada na capoeira.**

2) Quando for colocar o roçado na mata bruta, fazer uma pesquisa com os mais velhos e os agentes agroflorestais, para saber se na área têm muitos recursos, como medicinas, frutas, madeira e outros recursos. Se tiver a existência destes na área, procurar outro local para fazer o roçado.

3) No planejamento dos roçados, pensar na alimentação das criações de animais domésticos e silvestres.



## SISTEMAS AGROFLORESTAIS

1) Fazer SAFs com frutas nativas para alimentação dos animais silvestres.

2) Construção de viveiros de mudas em cada aldeia.

3) Cada aldeia deve ter uma área reservada para plantio dos SAFs e outra para os roçados.

4) Realizar um levantamento das sementes tradicionais do roçado para buscar o que não existe mais, em outras terras indígenas.

5) Realizar um levantamento das espécies frutíferas/florestais nativas que não existem na terra indígena.

6) Plantio de algodão para produção de artesanato.

7) Ter acompanhamento técnico constante na terra indígena.

8) Precisamos da regularização profissional da categoria e contratação dos agentes agroflorestais.

9) Montar um *kit* completo de ferramenta de trabalho para os agentes agroflorestais e um colete e uma câmara digital.

10) Implantar sistema de SAFs na área degradadas.

11) Disponibilização de mudas frutíferas exóticas para os agentes.

## V. NUKE HAWETI NUKE KUĪ (CULTURA)

**Os Nuke Kuī vêm mantendo a maior parte da sua cultura, como a língua Nuke Vana, respeito com os velhos, namoro, casamento, remédios, kambo, uni, rumê putu (rapé), festas tradicionais, pinturas, pescar com ashá (tingui) etc., mas algumas partes da nossa cultura precisam ser reforçadas e passadas para os mais novos, como é o caso de:**

- 1) Realizar uma pesquisa da cultura material e imaterial do Povo Nuke Kuī, como ferramenta para o fortalecimento da cultural.  
Junto com esta pesquisa, sabemos que precisamos fortalecer algumas atividades:
  - Caçar com arco e flecha.
  - Fazer cerâmica.
  - Fazer cocar.
  - Fazer pintura corporal e em artesanato – kenes.
  - Trabalhar tecelagem.
  - Fortalecer medicina tradicional.
  - Fortalecer músicas tradicionais.
  - Fortalecer danças tradicionais.
  - Revitalizar trabalhos de mutirão nos roçados.
  - Fortalecer a prática de atividades e conhecimentos espirituais.
  - Fazer as bebidas e comidas tradicionais dos Nuke Kuī.
- 2) Os representantes das comunidades construirão casas grandes para receber a comunidade.
- 3) Outra coisa importante são os pais ensinarem e aconselharem seus filhos sobre a cultura e o bom comportamento.
- 4) Também têm as coisas que estão vindo do mundo dos yara e que os caciques precisam controlar bem, para não prejudicar as comunidades, como é o caso da luz elétrica, os aparelhos de som e as músicas dos yara, televisão, DVD e, principalmente, as bebidas alcoólicas, que podem atrapalhar bastante a cultura Nuke Kuī;
- 5) Para fortalecer e divulgar a cultura Nuke Kuī, serão produzidos CDs, filmes e livros sobre nosso povo e, para isto, estamos buscando projetos apoios e parceiros.
- 6) Realizar o festival Nuke Wesiti.

## VI. LIXO – HAWE PUTATI

Devido ao contato com os yara, os Nuke Kuī trazem muito lixo não orgânico da cidade para a terra indígena. Quem traz maior quantidade de lixo são as pessoas que têm salário, como os aposentados e os funcionários do governo. Por isso, precisamos tomar algumas atitudes, como:

- 1) Reunir as famílias para orientar não jogar lixo em qualquer lugar e o agente de saúde informa sobre os cuidado com o lixo.
- 2) Cada aldeia irá separar o lixo não orgânico para mandar de volta para a cidade e não poluir a terra indígena.
- 3) A comunidade vai organizar o lixo da merenda escola para que a SEE realize a coleta até a escolarização da merenda.
- 4) Exigir que a prefeitura tenha um sistema de coleta de lixo na terra indígena Orientação, sinalização e fiscalização para que pessoas e automóveis que passam pela BR 364 não joguem lixo na terra indígena.
- 5) Orientar para todas as pessoas e equipes de governo que vierem à terra indígena a coletar e retirar da terra indígena o lixo trazido e produzido. A comunidade deve atuar como fiscal desta regra.
- 6) Para fazer as compras, as comunidades devem levar cestas e paneiros para evitar trazer sacolas plásticas e outras embalagens desnecessárias.



## VII. RECURSOS HIDRÍCOS

- 1) Ampliação da rede de abastecimento de água nas aldeias.
- 2) Não desmatar as cabeceiras e nem as margens dos igarapés e as margem da BR 364.

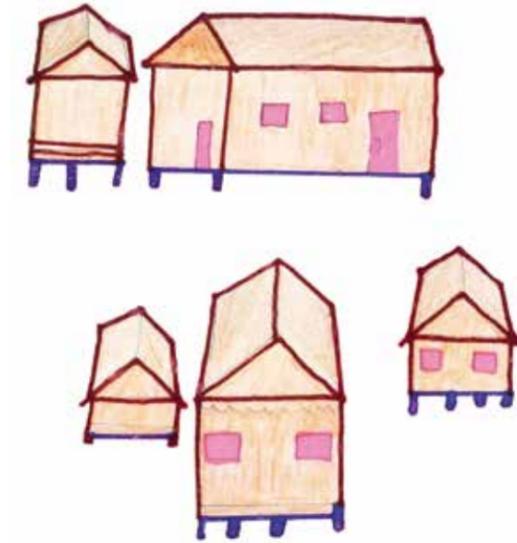
## VIII. ORGANIZAÇÃO DAS ALDEIAS

- 1) Toda iniciativa para criação de uma nova aldeia ou moradia deve ser conversada e acordada por todas as aldeias. As famílias não podem ficar mudando constantemente de aldeia.
- 2) A família que mudar para uma nova aldeia só será registrada depois de um ano.
- 3) Os representantes das comunidades construirão casas grandes para receber a comunidade.
- 4) Projeto habitacional para melhoria das habitações dos Nuke Kuí.
- 5) Cada aldeia irá organizar um Maishuvu (Kupixawa) para realizar as suas atividades comunitárias.

## IX. VIGILÂNCIA E FISCALIZAÇÃO

**Elaborar um plano de vigilância e fiscalização, envolvendo a Akac, Assessoria Indígena, Funai, Ibama, Imac, Pelotão Florestal, Incra, Ministério Público Federal, Polícia Federal, OPIRJ e comunidades do entorno,** tendo as seguintes atividades como recomendação:

- 1) Todas as comunidades, com seus fiscais e representantes, irão fiscalizar e fazer as denúncias das invasões do território para roubo de peixes e do fechamento (obstrução) dos igarapés com redes e mangas, que impedem os peixes de entrarem nos igarapés da terra indígena.
- 2) Os Nuke Kuí vêm respeitando as matas ciliares não colocando roçados ou desmatando nas margens dos igarapés, mas a população do entorno, que mora



na beira e nas cabeceiras dos igarapés Campinas e Vai-e-Vem, está desmatando tanto as margens quanto as cabeceiras destes igarapés, por isso, precisamos fazer denúncias para o Ibama e o Imac tomarem providências a este respeito

- 3) Enviar documentos para todos os órgãos que atuam e são responsáveis pela terra indígena e das unidades do entorno (assentamentos, fazendas, reservas extrativistas), exigindo uma reunião para discutir uma solução definitiva para os problemas de invasões na Terra Indígena Campinas/Katukina.
- 4) Construir uma agenda, toda quarta-feira, dos fiscais acompanhados por pelotão, agroflorestais, lideranças, professores e agentes de saúde percorrerão os limites da terra indígena para registro e fiscalização dos indícios de invasões, tendo como objetivo a elaboração de relatórios mensais a serem enviados à Assessoria Especial dos Povos Indígenas que enviará às autoridades competentes.
- 5) Montar um kit básico (colete, filmadora, bloco auto de constatação, carteira de identificação, lanterna, rádio walk-talk e botas) para os fiscais da terra indígena.
- 6) Realizar reabertura das picadas da demarcação, com marcos verdes com espécies de interesse dos Nuke Kuí.
- 7) Instalação de três postos de vigilância, um no igarapé Três Vezes, confluência do igarapé Campinas com Jaracatiá e igarapé Abacaba. Os postos devem ser equipados com rádio, tendo eles duas frequências para comunicação (Funasa, OPIRJ e Pelotão Florestal).

## X. EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO

- 1) Construção dos Projetos Políticos Pedagógicos do povo Nuke Kuí, em uma parceria entre a comunidade e a SEE.
- 2) Construção do Centro de Formação Tamākayā, que será o centro de referência de Educação Nuke Kuí, todos os alunos da terra indígena serão matriculados neste centro. As demais escolas serão desativadas, tornando-se salas anexas, nas quais funcionarão as turmas de 1ª e 4ª séries. O centro oferecerá ensino para as turmas de 5ª ao Ensino Médio e demais atividades de formação.
- 3) Implantação de um Conselho Escolar da comunidade Nuke Kuí, que irá gerenciar o Centro e as salas anexas de cada aldeia. E a SEE dará apoio administrativo ao conselho.
- 4) Cursos de formação para os professores em educação indígena, que serão acompanhados por um Shenia (pessoa idosa com amplos conhecimentos culturais).
- 5) A SEE solicitará formalmente, por ofício, a Akac onde será construído o Centro de Formação Tamākayā. A Akac deverá responder este ofício, informando o lugar devido.
- 6) A empresa contratada deverá se relacionar diretamente com a Akac para a construção do Centro de Formação Tamākayā.
- 7) A Akac fica também responsável para acompanhar e vistoriar a construção do Centro de Formação Tamākayā.
- 8) O Centro deverá contar com o pessoal de apoio necessário (merendeiras, serventes etc.).
- 9) Reforma das escolas antigas.
- 10) Precisamos de treinamento de como serrar a madeira e também de marcenaria para fabricação dos móveis.
- 11) Realizar curso de legislação ambiental e indigenista.
- 12) Precisamos da formação dos agentes agroflorestais.

- 13) Construção e implantação de ensino médio.
- 14) Curso de formação de informática.
- 15) Curso de formação técnica para gestores de projetos indígenas.
- 16) Curso de edição de vídeo.
- 17) Curso de administração e gerenciamento.
- 18) Curso de capacitação em saneamento básico.
- 19) Formação de cirurgião dentista indígena, técnico em higiene dental indígena, técnico de enfermagem indígena do povo Nuke Kuí.
- 20) Formação de agente indígena de endemias.
- 21) Formação e habilitação de motoristas Nuke Kuí.
- 22) Revisar o processo de formação dos agentes indígenas de saúde, com participação dos representantes indígenas.

## XI. REVISÃO DOS LIMITES TERRITORIAIS

- 1) Criar comissão com sete representantes do povo Nuke Kuí para ir à Funai, em Brasília, reivindicar a revisão dos limites da TI Campinas/Katukina de acordo com o novo mapa.
- 2) A Akac irá solicitar apoio logístico junto aos órgãos que tratam da questão indígena para realização da viagem.
- 3) A Akac e a Assessoria Indígena irão verificar e agendar o encontro com o presidente da Funai.

## XII. SAÚDE

- 1) Construção do polo-base de saúde na TI, com estrutura necessária e veículo próprio para atendimento dos pacientes, com equipe de saúde completa (médico, enfermeiro, AIS, nutricionista, técnico em enfermagem e equipe odontológica).
- 2) A Funasa deve garantir kit de material de primeiros socorros para atendimento dos agentes indígenas de saúde nas aldeias.
- 3) A Funasa deve pagar o salário de R\$ 615,00 dos agentes indígenas de saúde e dos agentes de saneamento básico, de acordo com o novo Plano Distrital.
- 4) A Prefeitura de Cruzeiro do Sul deve realizar concurso público direcionado para a comunidade Nuke Kuí. A elaboração do edital deve ser feita em parceria com o Conselho Distrital, OPIRJ, Akac, Funasa e Assessoria Indígena.
- 5) A comunidade deve valorizar e fortalecer as pesquisas e o uso de medicina tradicional, envolvendo os agentes de saúde, os pajés, as parteiras, os professores, os alunos, os agentes agroflorestais e as pessoas que têm conhecimento da medicina Nuke Kuí.
- 6) Regularização da profissão de agente indígena de saúde.
- 7) Produção de Cartilha de Medicina Tradicional na língua Nuke Kuí, por agentes de saúde, agentes agroflorestais, parteiras, pajés e professores, sendo necessário que Funasa, CPI/AC e governo do estado apoiem a elaboração e a impressão das cartilhas, bem como providencie os equipamentos necessários: câmera fotográfica digital, gravador, computador completo, pilhas recarregáveis e recarregador.
- 8) Aquisição de um microscópio para atender à comunidade no polo-base dentro da TI.

## XIII. TRANSPORTE

- 1) Aquisição de caminhão para transporte e escoamento da produção Nuke Kuí.
- 2) Veículo próprio para atendimento dos pacientes no polo-base de saúde na TI.
- 3) Transporte escolar coletivo das aldeias para o Centro de Formação Tamākayã.
- 4) Dois botes de alumínio de 6 m, dois motores de 9HP e combustível para fiscalização na TI Campinas/Katukina..
- 5) Dois botes de alumínio de 6 m, dois motores de 9HP e combustível para as aldeias Timbaúba e Numanawa, para escoamento da produção e atendimento à saúde.
- 6) Considerando a falta de controle do fluxo e a alta velocidade dos veículos que trafegam pela BR 364, no trecho da TI, constituindo um perigo constante para a vida dos Nuke e, principalmente, para as crianças e os idosos, os Nuke Kuí vão negociar com as autoridades competentes para criação do pedágio.

## XIV. ORIENTAÇÕES GERAIS

- 1) A Akac, a SEE e a Sema farão a tradução para a língua Nuke Vana do Plano de Gestão Territorial e Ambiental.
- 2) Realizar um levantamento socioeconômico na Terra Indígena Nuke Kuí.
- 3) Criação e fundação de uma organização do povo Nuke Kuí, incluindo as sete aldeias do povo Nuke Kuí



## MAPAS

ETNOZONEAMENTO DA TERRA INDÍGENA  
KATUKINA DO CAMPINAS

---

### MAPA DE INVASÕES – AMEAÇAS

72°00'W

72°12'0"W

# MAPA DE AMEAÇAS DA TERRA INDÍGENA CAMPINAS/KATUKINA

7°42'0"S

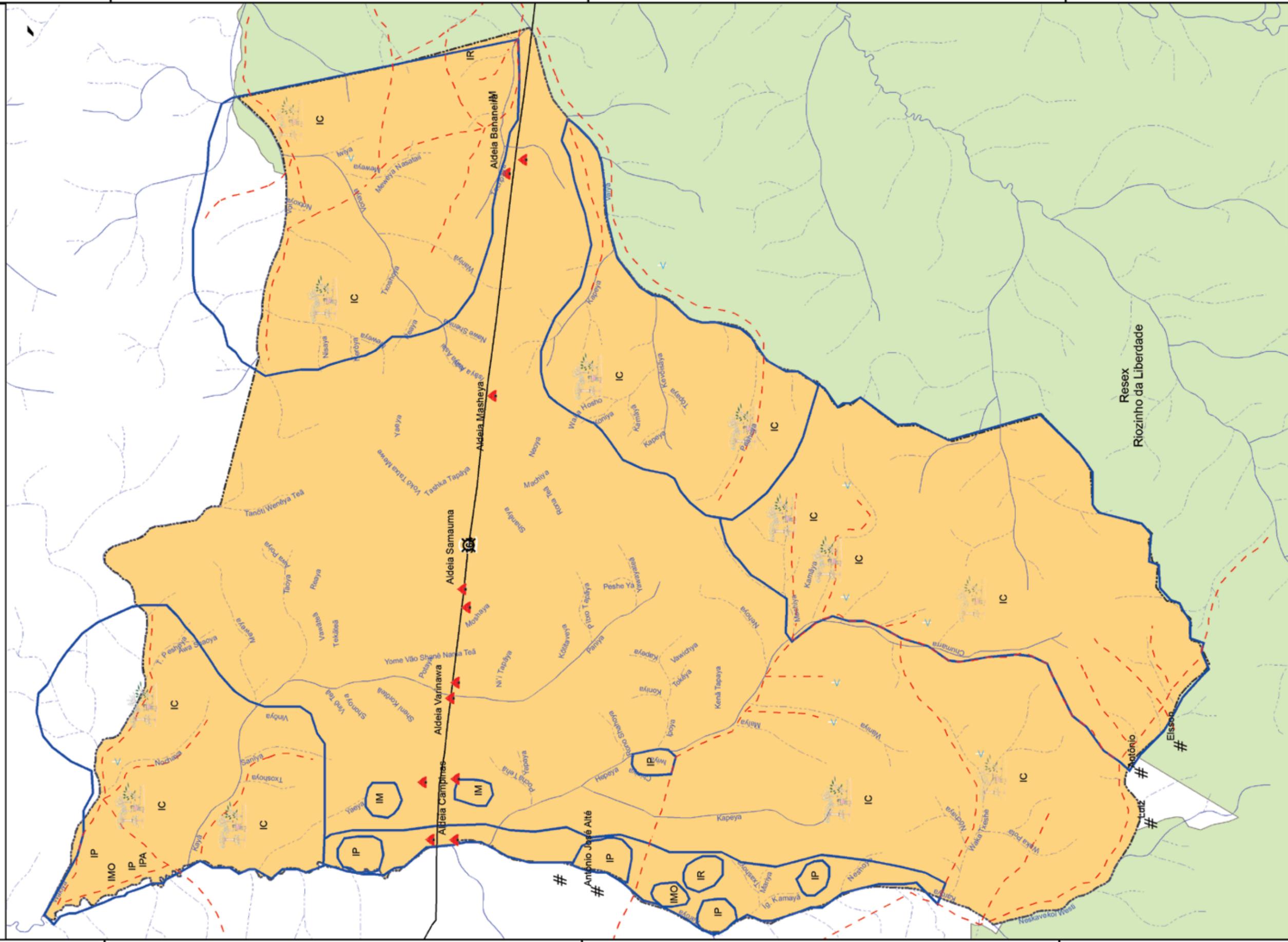
7°42'0"S

7°48'0"S

7°48'0"S

7°54'0"S

7°54'0"S



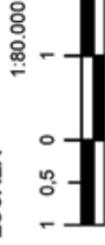
### CONVENÇÕES

- Hidrografia**
- Curso d'água intermitente
  - Curso d'água permanente
- Rodovias e Ramais**
- Rodovias e Ramais
- Terra Indígena**
- Limite da TI Campinas/Katukina
- Unidade de Conservação**
- Unidade de Uso Sustentável

### LEGENDA

- Localidades**
- Acampamento
  - Moradia
  - Aldeias
  - Caminhos
  - Zonas

### ESCALA



Sistema de Coordenadas Geográfica

### FONTE

- Base Topográfica Digital Continua, obtida a partir das Cartas Topográficas do Ministério do Exército
- DSG na escala de 1:100.000.

### Invasões

- IR - Invasões para implantação de roçados
- IPA - Invasão para roubo de palha
- IP - Invasões para roubo de pesca
- IMO - Invasões para moradia
- IM - Invasões para roubo de madeira
- IC - Invasões para roubo de caças

72°12'0"W

72°00'W

## MAPAS

ETNOZONEAMENTO DA TERRA INDÍGENA  
KATUKINA DO CAMPINAS

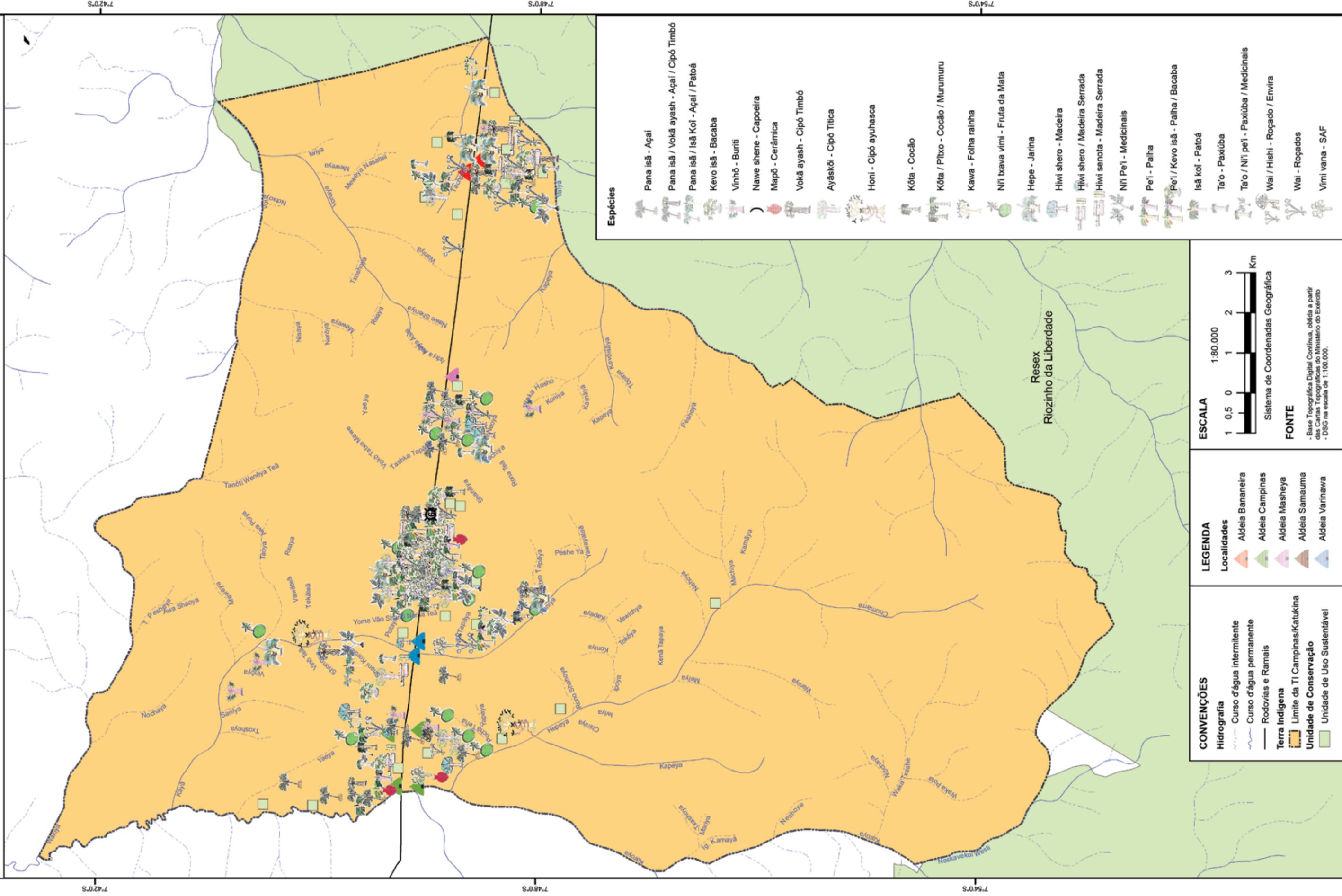
---

### MAPA DE ÁREAS DE USO

72°12'0"W

72°0'0"W

# MAPA DE USO DA TERRA INDÍGENA CAMPINAS/KATUKINA



7°42'0"S

7°42'0"S

7°48'0"S

7°48'0"S

7°54'0"S

7°54'0"S

72°12'0"W

72°0'0"W

## CONVENÇÕES

### Hidrografia

- Curso d'água intermitente
- Curso d'água permanente
- Rodovias e Ramais

### Terra Indígena

- Limite da TI Campinas/Katukina

### Unidade de Conservação

- Unidade de Uso Sustentável

## LEGENDA

### Localidades

- Aldeia Bananeira
- Aldeia Campinas
- Aldeia Mashheya
- Aldeia Samauma
- Aldeia Varinawa

## ESCALA

1:80.000



Sistema de Coordenadas Geográfica

## FONTE

- Base Topográfica Digital Continua, obtida a partir das Cartas Topográficas do Ministério do Exército  
- DSG na escala de 1:100.000.

## Espécies

Pana isã - Açai

Pana isã / Vokã ayash - Açai / Cipó Timbó

Pana isã / isã Ko' - Açai / Patoá

Kevo isã - Bacaba

Vinhô - Buriti

Nawe shene - Capoeira

Mapô - Cerâmica

Vokã ayash - Cipó Timbó

Ayasköi - Cipó Titica

Honi - Cipó ayuhasca

Kôta - Cocão

Kôta / Pitxo - Cocão / Murumuru

Kawa - Folha rainha

Nîi txava vimi - Fruta da Mata

Hepe - Jarina

Hiwi shero - Madeira

Hiwi shero / Madeira Serrada

Hiwi senota - Madeira Serrada

Nîi Pe'i - Medicinalis

Pe'i - Palha

Pe'i / Kevo isã - Palha / Bacaba

Isã ko' - Patoá

Ta'o - Paxiúba

Ta'o / Nîi pe'i - Paxiúba / Medicinalis

Wai / Hishi - Roçado / Envira

Wai - Roçados

Vimi vana - SAF

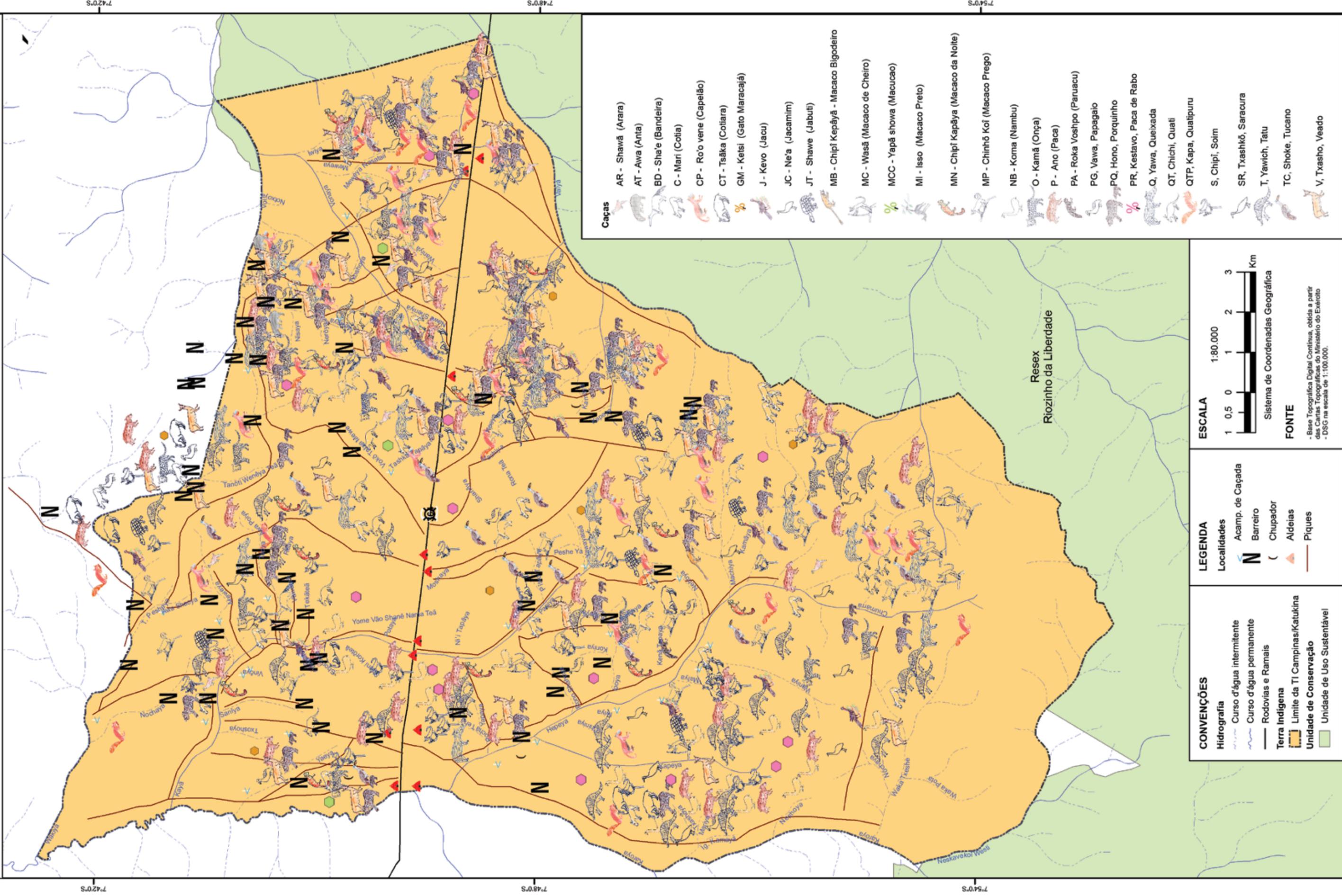
## MAPAS

ETNOZONEAMENTO DA TERRA INDÍGENA  
KATUKINA DO CAMPINAS

---

## MAPA DE CAÇADA

# MAPA DE CAÇADA DA TERRA INDÍGENA CAMPINAS/KATUKINA



## Caças

- AR - Shawá (Arara)
- AT - Awa (Anta)
- BD - Sha'e (Bandeira)
- C - Mari (Cotia)
- CP - Ro'ò vene (Capeleão)
- CT - Tsáka (Coitara)
- GM - Ketsi (Gato Maracajá)
- J - Kevo (Jacu)
- JC - Ne'a (Jacamim)
- JT - Shawe (Jabutí)
- MB - Chipí Kepáya - Macaco Bigodeiro
- MC - Wasá (Macaco de Cheiro)
- MCC - Yapá showa (Macucao)
- MI - Isso (Macaco Preto)
- MN - Chipí Kapáya (Macaco da Noite)
- MP - Chinhó Koí (Macaco Pregoo)
- NB - Koma (Nambu)
- O - Kamã (Onça)
- P - Ano (Paca)
- PA - Roka Voshpo (Paruacu)
- PG, Váwa, Papagaio
- PQ, Hono, Porquinho
- PR, Kestavo, Paca de Rabo
- Q, Yawa, Queixada
- QT, Chichi, Quati
- QTP, Kapa, Quatipuru
- S, Chipí, Soim
- SR, Txashkó, Saracura
- T, Yawich, Tatu
- TC, Shoke, Tucano
- V, Txasho, Veado

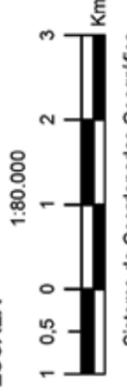
## CONVENÇÕES

- Hidrografia**
- Curso d'água intermitente
- Curso d'água permanente
- Rodovias e Ramais
- Terra Indígena**
- Limite da TI Campinas/Katukina
- Unidade de Conservação**
- Unidade de Uso Sustentável

## LEGENDA

- Localidades**
- Acamp. de Caçada
- Barreiro
- Chupador
- Aldéias
- Piques

## ESCALA



Sistema de Coordenadas Geográfica

## FONTE

- Base Topográfica Digital Continua, obtida a partir das Cartas Topográficas do Ministério do Exército  
- DSG na escala de 1:100.000.

Resex  
Riozinho da Liberdade

72°12'0\"/>

7420'S

7480'S

7540'S

7420'S

7480'S

7540'S

72°12'0\"/>

72°12'0\"/>

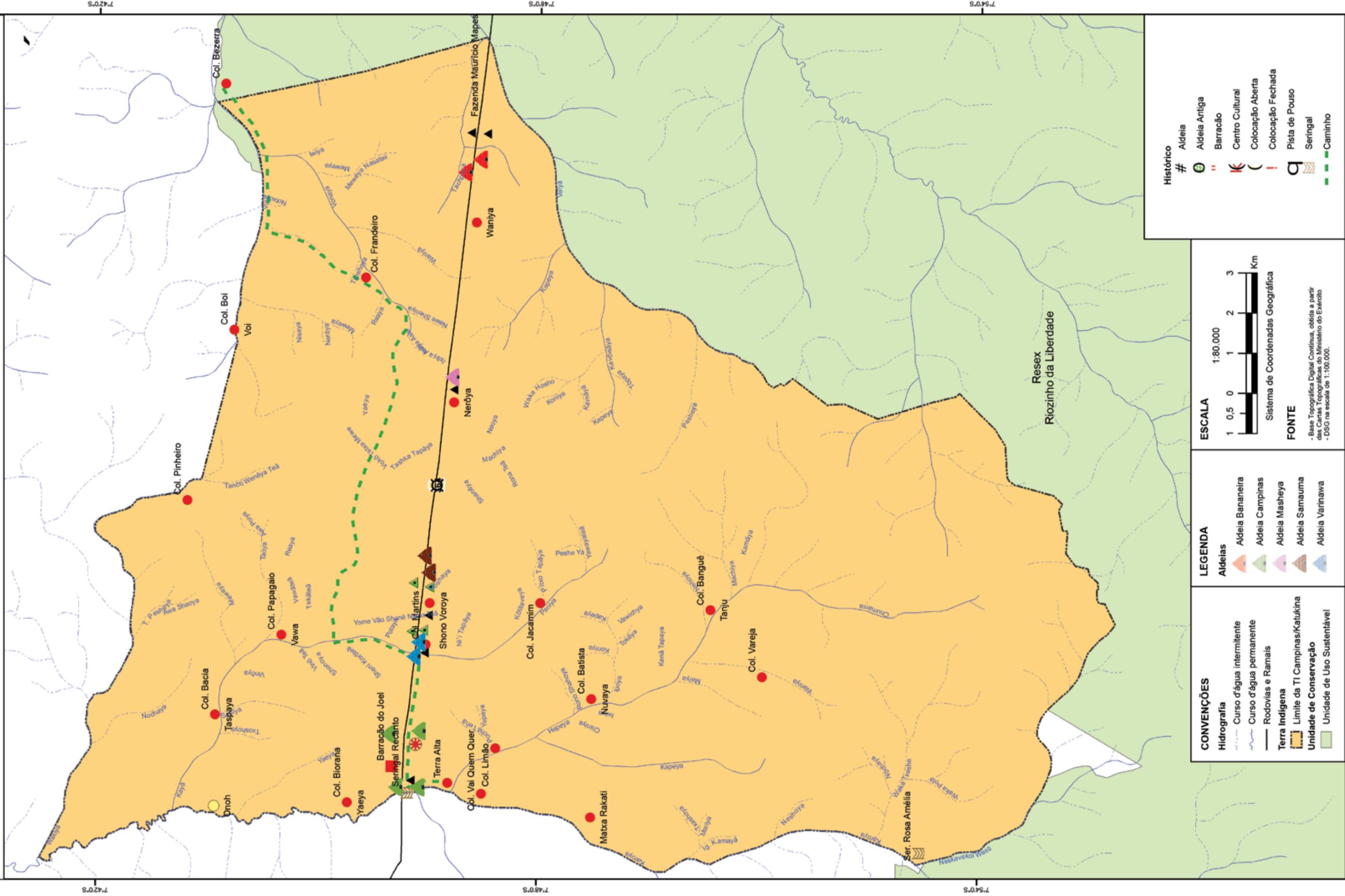
## MAPAS

ETNOZONEAMENTO DA TERRA INDÍGENA  
KATUKINA DO CAMPINAS

---

### MAPA HISTÓRICO

# MAPA HISTÓRICO DA TERRA INDÍGENA CAMPINAS/KATUKINA



**CONVENÇÕES**

**Hidrografia**

- Curso d'água intermitente
- Curso d'água permanente
- Rodovias e Ramais

**Terra Indígena**

- Limite da TI Campinas/Katukina

**Unidade de Conservação**

- Unidade de Uso Sustentável

**LEGENDA**

**Aldeias**

- Aldeia Bananeira
- Aldeia Campinas
- Aldeia Masheya
- Aldeia Samauma
- Aldeia Varinawa

**ESCALA**

1 0,5 0 1 2 3 Km

Sistema de Coordenadas Geográfica

**FONTE**

- Base Topográfica Digital Continua, obtida a partir das Cartas Topográficas do Ministério do Exército
- DSG na escala de 1:100.000.

**Histórico**

# Aldeia

- Aldeia Antiga
- Barracão
- Centro Cultural
- Colocação Aberta
- Colocação Fechada
- Pista de Pouso
- Seringal
- Caminho

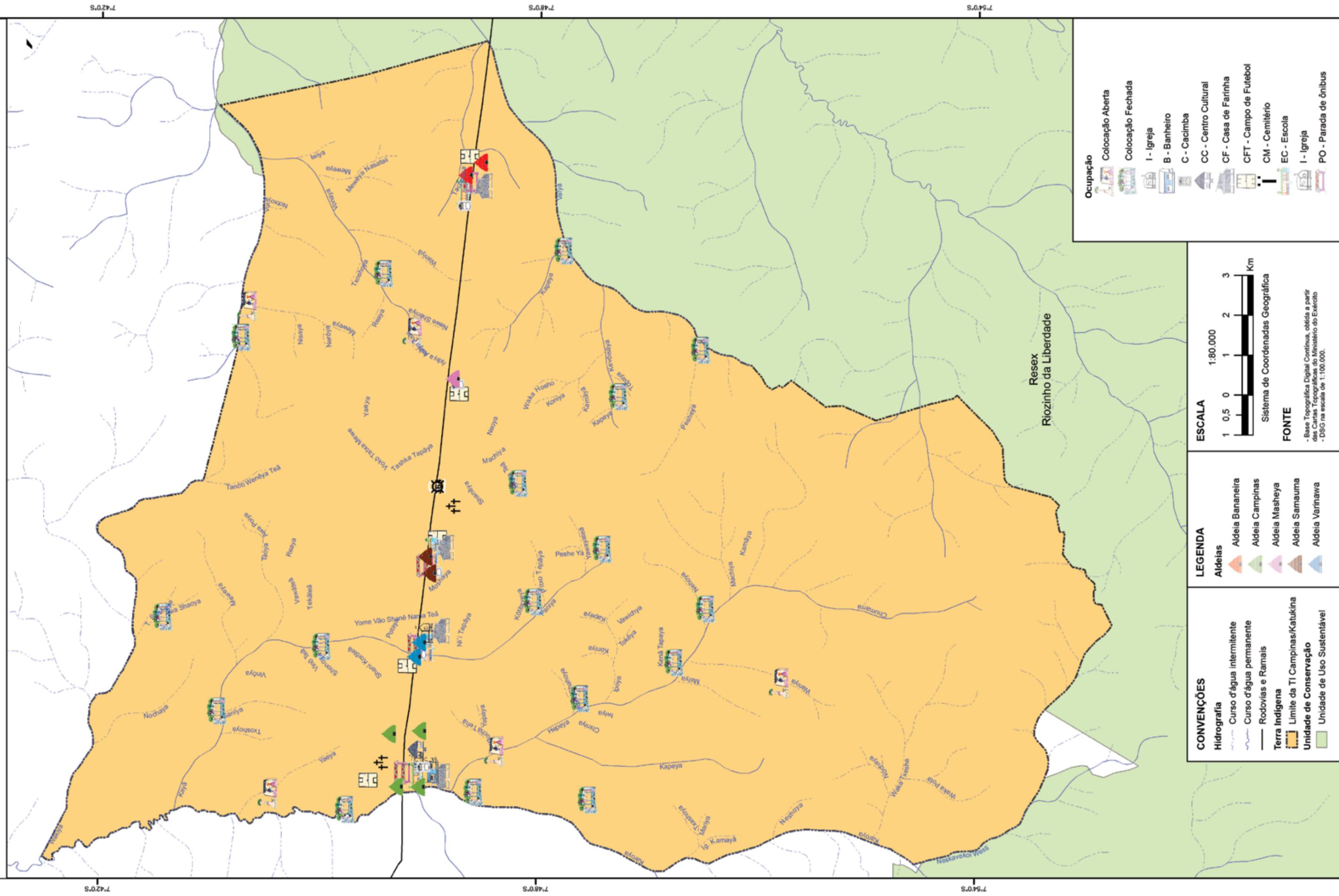
## MAPAS

ETNOZONEAMENTO DA TERRA INDÍGENA  
KATUKINA DO CAMPINAS

---

### MAPA DE OCUPAÇÃO HUMANA

# MAPA DE OCUPAÇÃO DA TERRA INDÍGENA CAMPINAS/KATUKINA



**CONVENÇÕES**

**Hidrografia**

- Curso d'água intermitente
- Curso d'água permanente
- Rodovias e Ramais

**Terra Indígena**

- Limite da TI Campinas/Katukina

**Unidade de Conservação**

- Unidade de Uso Sustentável

**LEGENDA**

**Aldeias**

- Aldeia Bananeira
- Aldeia Campinas
- Aldeia Masheya
- Aldeia Samauma
- Aldeia Varinawa

**ESCALA**

1 0,5 0 1 2 3 Km

Sistema de Coordenadas Geográfica

**FONTE**

- Base Topográfica Digital Continua, obtida a partir das Cartas Topográficas do Ministério do Exército
- DSG na escala de 1:100.000.

**Ocupação**

**Colocação Aberta**

- I - Igreja
- B - Banheiro
- C - Cacimba
- CC - Centro Cultural
- CF - Casa de Farinha
- CFT - Campo de Futebol
- CM - Cemitério
- EC - Escola
- I - Igreja
- PO - Parada de ônibus

**Colocação Fechada**

Resex  
Riozinho da Liberdade

72°12'0\"/>

72°12'0\"/>

7°42'0\"/>

7°42'0\"/>

7°48'0\"/>

7°48'0\"/>

7°54'0\"/>

7°54'0\"/>

72°12'0\"/>

72°0'0\"/>

## MAPAS

ETNOZONEAMENTO DA TERRA INDÍGENA  
KATUKINA DO CAMPINAS

---

### MAPA DE PESCA

# MAPA DE PESCA DA TERRA INDÍGENA CAMPINAS/KATUKINA

72°00'W

72°12'0"W

7°42'0"S

7°42'0"S

7°48'0"S

7°48'0"S

7°54'0"S

7°54'0"S

72°12'0"W

72°00'W

## CONVENÇÕES

- Hidrografia**
- Curso d'água intermitente
  - Curso d'água permanente
  - Rodovias e Ramais
- Terra Indígena**
- Limite da TI Campinas/Katukina
- Unidade de Conservação**
- Unidade de Uso Sustentável

## LEGENDA

- Locais**
- Localis
  - Açude
  - Balseiro
  - Igapó
  - Igapó - BR
  - Remanso
  - Tanque
  - Tapiri

## ESCALA



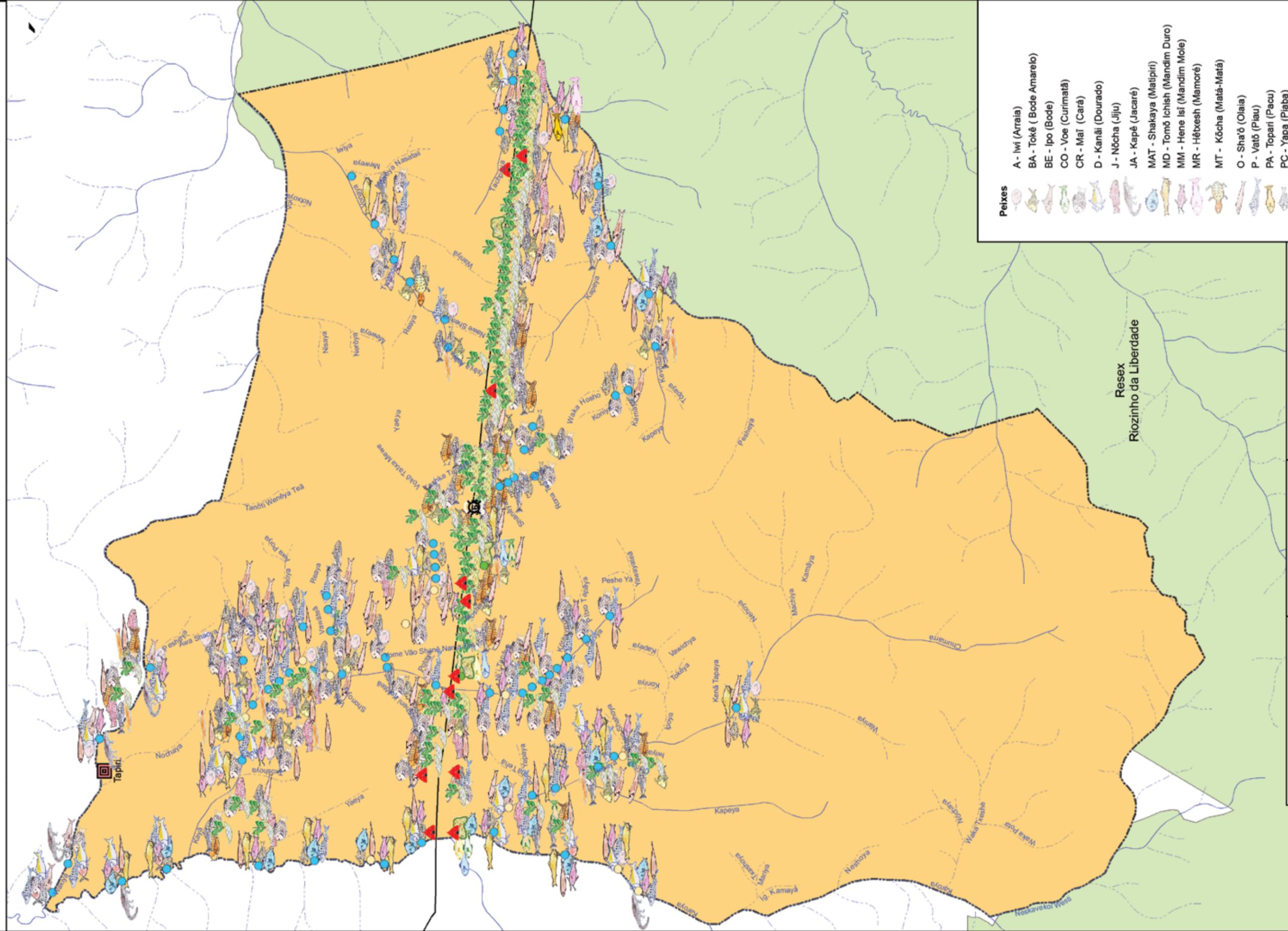
Sistema de Coordenadas Geográfica

## FONTE

- Base Topográfica Digital Continua, obtida a partir das Cartas Topográficas do Ministério do Exército
- DSG na escala de 1:100.000.

## Peixes

- A - Iwí (Arraia)
- BA - Toké ( Bode Amarelo)
- BE - Ipo (Bode)
- CO - Voe (Curimatá)
- CR - Mat (Cará)
- D - Kanãl (Dourado)
- J - Nôcha (Jijiu)
- JA - Kapé (Jacaré)
- MAT - Shakaya (Matipiri)
- MD - Tomô Ichish (Mandim Duro)
- MM - Hene Isi (Mandim Mole)
- MR - Hétxesh (Mamoré)
- MT - Kôcha (Matá-Matá)
- O - Sha'ô (Olala)
- P - Vatô (Piau)
- PA - Topari (Pacu)
- PC - Yapa (Piaba)
- PR - Make (Piranha)
- PU - Komi (Puraquê)
- S - Sipa (Sarapó)
- SA - Voe Hosho (Sarapó)
- T - Vasho (Tamboatá)
- TAR - Nesho (Tartaruga)
- TB - Nova Pishi (Tambaqui)
- TI - Maí Hosho (Tilápia)
- TR - Meshoko (Traira)



## MAPAS

ETNOZONEAMENTO DA TERRA INDÍGENA  
KATUKINA DO CAMPINAS

---

### MAPA DE RECURSOS HÍDRICOS



## MAPAS

ETNOZONEAMENTO DA TERRA INDÍGENA  
KATUKINA DO CAMPINAS

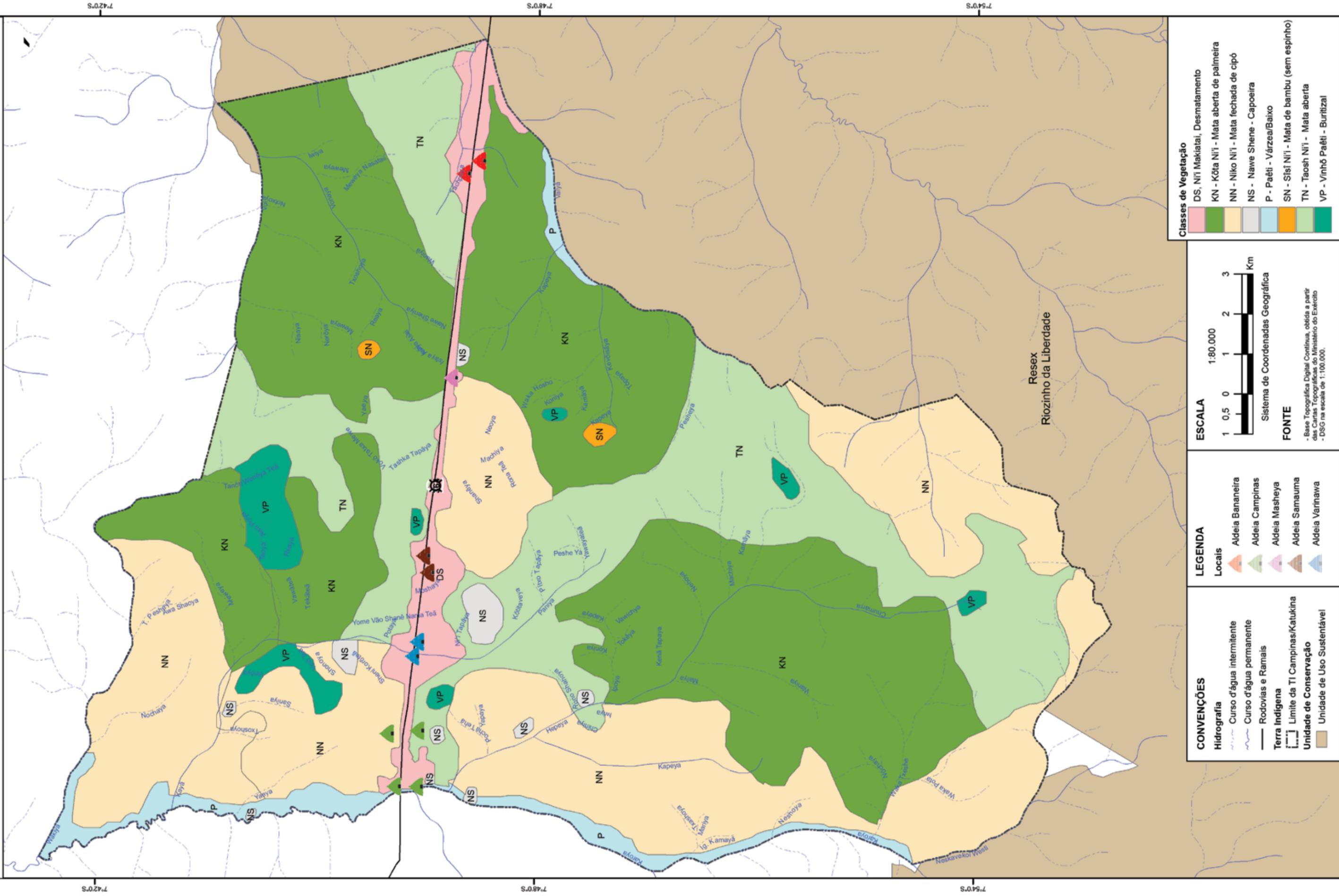
---

### MAPA DE VEGETAÇÃO

72°12'0"W

72°6'0"W

# MAPA DE VEGETAÇÃO DA TERRA INDÍGENA CAMPINAS/KATUKINA



7°42'0"S

7°42'0"S

7°48'0"S

7°48'0"S

7°54'0"S

7°54'0"S

## CONVENÇÕES

### Hidrografia

- Curso d'água intermitente
- Curso d'água permanente
- Rodovias e Ramais

### Terra Indígena

- Limite da TI Campinas/Katukina

### Unidade de Conservação

- Unidade de Uso Sustentável

## LEGENDA

### Locais

- Aldeia Bananeira
- Aldeia Campinas
- Aldeia Masheya
- Aldeia Samauma
- Aldeia Varinawa

## ESCALA

1:80.000



Sistema de Coordenadas Geográfica

## FONTE

- Base Topográfica Digital Continua, obtida a partir das Cartas Topográficas do Ministério do Exército
- DSG na escala de 1:100.000.

## Classes de Vegetação

- DS - Niti Makiatai, Desmatamento
- KN - Kôta Niti - Mata aberta de palmeira
- NN - Niko Niti - Mata fechada de cipó
- NS - Nawe Shene - Capoeira
- P - Paéti - Várzea/Baixo
- SN - Sisi Niti - Mata de bambu (sem espinho)
- TN - Taosh Niti - Mata aberta
- VP - Vinhó Paéti - Buritizal

Resex  
Riozinho da Liberdade

72°12'0"W

72°6'0"W

## AUTORIA

Todos os autores e autoras do etnolevante são agricultores. Em geral, conhecem uma ou mais artes Katukina, como cantar, contar história, dançar, curar, pintar, fazer cerâmica e adornos, tecer em algodão e tecer fibras, folhas e cipós da mata. No primeiro período de campo, a consultora Andréa Martini esteve acompanhada do técnico agrícola Francisco Cândido Apurinã, na época, estagiário da Secretaria de Meio Ambiente do Acre (Sema).

TERO Raimundo Pedrosa Katukina, PEI Jorge Horácio Katukina, VINU Orlando Assis Cruz, SHERE Benjamin André de Sousa Katukina, PANO Francisco Dete da Silva Katukina, AKE Edivilson Katukina, PERO Maurício Rodrigues de Souza, ATA Marcos Horácio Katukina, SAI Raimundo Vicente da Silva Katukina, YAMÁ Rivaldo Rosa da Silva Katukina, ROÁ André de Souza Katukina, POWÁ Edison Rosa da Silva, NAMIÃ Eli Carlos Katukina, REKE José Luiz Katukina, RUNA Nelson Afonso de Souza, VE'A Severo Katukina, KAKO Gean Afonso de Souza, MAYÁ Rosinilda Paula de Souza, MONSHA Raimundo Vicente, YAKA, Lucinha André de Sousa, TAPU Nilo Katukina, TXANU Valdir Katukina, MITSÁ Marcelino Katukina, TEKA Francisco Carneiro Katukina, VÔKO Romildo Carneiro, KANA Carolina, NOYA Edinaldo da Silva Katukina, RAVENA Genilda da Silva Katukina, MAME, aldeia Martins, Dulcinéia, aldeia Martins, Romildo, 19 anos, aldeia Martins, Charlene, aldeia Martins, Armédio, aldeia Martins, Ernestina, aldeia Martins, Shirlei, aldeia Martins, Luzia, aldeia Martins, Paulo, aldeia Martins, Donald, aldeia Martins, Rosângela, aldeia Martins, NOMAIKI, João Melo, aldeia Martins, Antônio Cordeiro da Silva, aldeia Martins, Maria Francisca Lopes da Silva, Keulen Moana Cordeiro do Nascimento, José Lopes Barreiro da Silva, MITO Luzinete Cordeiro da Silva, Antônia Lopes da Silva, ITSUMI Adriano Rosa da Silva, Nivaldo Rodrigues da Silva, KAKO, Alberto Rosa da Silva, Rita Rosa da Silva e Francisco Assis Cruz.







giz



Secretaria de Estado do Meio Ambiente  
Assessoria Especial de Assuntos Indígenas



Ministério da  
Justiça

